

Um projeto para brasileiros

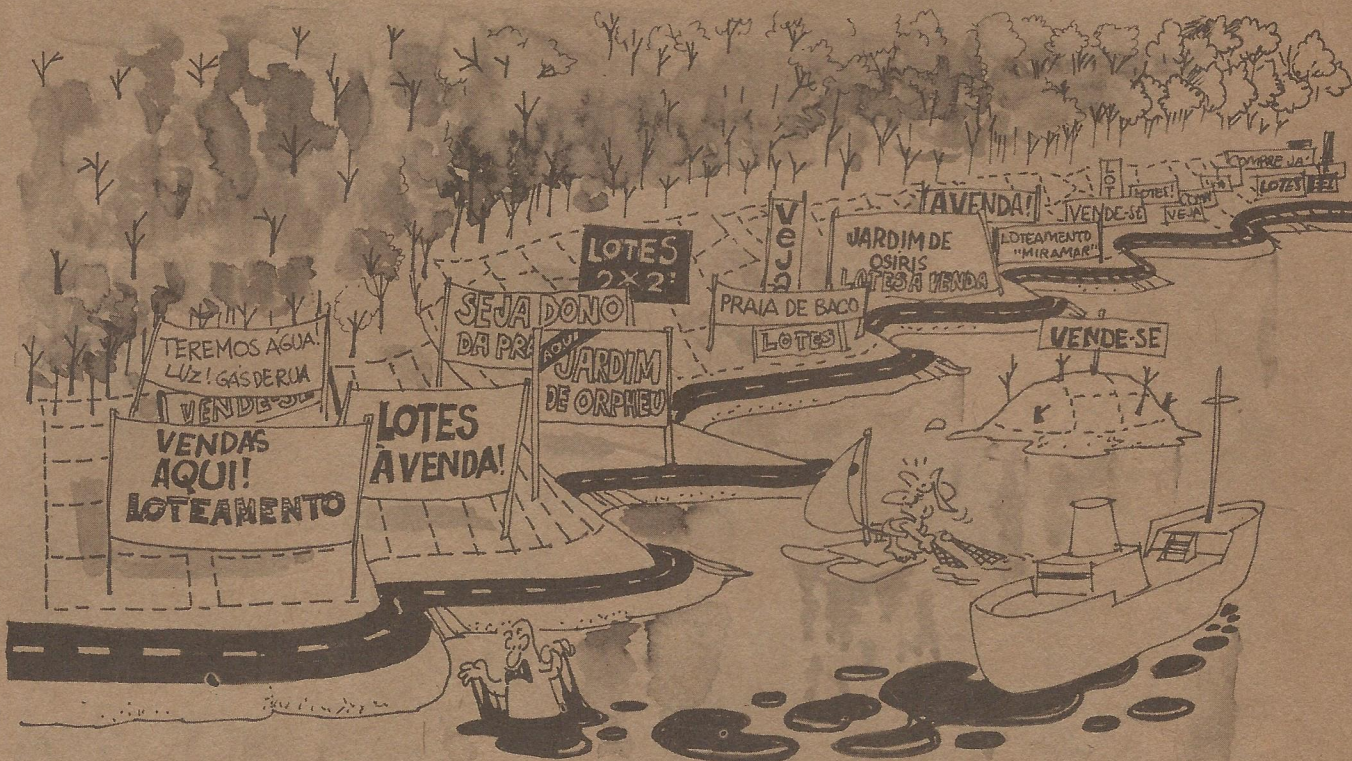
A convocação de uma empresa estrangeira para elaborar um projeto básico, numa área em que os brasileiros têm demonstrado alto nível de desenvolvimento, provocou protestos entre os arquitetos.

Paulo Mendes da Rocha, presidente do departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil, ex-

plica num depoimento pessoal quais as razões que levaram os arquitetos a discordar dos planos apresentados pela Embratur para o aproveitamento da extensa faixa litorânea ao longo da rodovia Rio-Santos.

Todos concordam com a necessidade desta área ter seu desenvolvimento planejado para evitar que este ocorra de maneira anárquica e comprome-

tendo definitivamente um potencial turístico de excepcional riqueza. Mas o mesmo não acontece em relação à contratação de uma empresa francesa para determinar a vocação daquela área. "As nossas vocações e a vocação de nossa paisagem temos que exibir e divulgar. Não esperar que sejam interpretadas por uma outra formação cultural."



Este jornal tem muitos planos

Todo mundo quer saber como vai o jornal, se ele está consolidado, quais são seus planos, como vão os anúncios. O jornal está aí. Começando a acertar os passos, com os anunciantes e agências de publicidade entendendo sua força, seu potencial, que é o potencial de todos os arquitetos brasileiros. Isto é o caminho para sua consolidação, para a preparação do lançamento de um segundo caderno a partir do próximo ano. Os planos são muitos e pouco a pouco vão sendo postos em execução.

Outro dia o jornal promoveu sua primeira mesa-redonda. Sobre concursos de arquitetura. A gente, quando pensou em fazer este debate, tinha um pouco de medo de cair em discussões altamente teóricas, ou que não pudessem representar nenhuma contribuição ao desenvolvimento profissional. Os resultados do primeiro encontro foram excelentes (no próximo número publicaremos uma síntese dos debates e as propostas apresentadas).

Havia muitas perguntas no ar: São válidos os concursos? Qual a contribuição que deram à arquitetura brasileira? Quando deve ser feito um concurso? Quais as chances de um jovem arquiteto ganhar e desenvolver o projeto? E muitas outras. Ten-

tava-se determinar, através de vários depoimentos e do debate, quais os motivos da diminuição dos concursos de arquitetura e do desinteresse de muitos arquitetos por eles.

Aprendemos muito nessa mesa-redonda e agora, a cada 15 dias, será realizada uma reunião para debater problemas profissionais e de arquitetura. A Ana Maria Dente e a Helene Afanasieff estão organizando um roteiro para essas mesas-redondas que ajudarão a tornar o jornal mais dinâmico, mais participante. Para isso, é claro que é preciso que você também participe. Pelo menos enviando sugestões de temas que devam ser debatidos, de reportagens. Com um esforço um pouco maior, você manda um artigo ou um depoimento importante para os arquitetos.

Escreva também para contar o que você está achando do jornal, apontando suas falhas, dizendo o que precisa ser melhorado. A gente está tentando acertar. Fazer um grande jornal. Um jornal muito importante. **O editor.**

Urbanismo tem seu dia

O Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento de São Paulo, está preparando uma série de atividades para o dia 8 de novembro, em comemoração ao dia mundial do urbanismo. E,

para avaliar qual a contribuição que a Câmara dos Vereadores pode dar à cidade, está programado um debate com vereadores e candidatos a vereadores preocupados com os problemas de planejamento urbano e participação do arquiteto na organização espacial da cidade.

O lazer na sociedade industrial

"O mundo todo está descobrindo com atraso a necessidade do planejamento ambiental, especialmente quando se defronta com uma das formas mais dramáticas do problema: a poluição." Palavras do arquiteto Tocherman, diretor da UNESCO, no Congresso Mundial de Arquitetos realizado em Varna, na Bulgária. Na página 4, uma panorâmica do encontro. No próximo número, o depoimento dos delegados brasileiros, nossas menções honrosas, o prêmio de Artigas e tudo o que houve no encontro de Varna.

Arquiteto ganha na Justiça por ter projeto alterado

Um arquiteto mineiro, Romulo Hermeto Costa, recebeu na Justiça quase 500 mil cruzeiros de honorários,

pagos pelo proprietário de um edifício no centro de Belo Horizonte, por não ter obedecido ao contrato estabelecido com o profissional. Pág. 10.

Bolsa de Empregos e um bom concurso

Em caráter experimental começamos a publicar neste número ofertas de emprego encaminhadas ao IAB/SP e ao Sindicato dos Arquitetos. As ofertas estão na página 18, juntamente com as informações sobre o concurso para escolha de um monumento ao poeta Luis Llorens Torres. O prêmio é de 100 mil dólares.

Um acontecimento, a Bienal de Arquitetura

Arquitetos de todo o mundo estarão mostrando suas obras na I Bienal de Arquitetura, a se realizar no próximo ano em São Paulo. Na página 11 preparativos para o encontro.

Como fazer seu registro no INPS

Na página 14 explicamos o que o arquiteto deve fazer para registrar-se no INPS. E também qual a melhor maneira de pagar o Imposto Sobre Serviços.

Os preparativos para a grande mostra de 1973



Destinada a ser um dos mais importantes acontecimentos de 1973 na área do planejamento físico — desenho industrial e comunicação visual — a I Bienal de Arquitetura mostrará trabalhos profissionais desenvolvidos por arquitetos de todo o mundo, e vem mobilizando os arquitetos brasileiros, preocupados que estão em obter o máximo rendimento da mostra. Como parte da programação da Bienal será realizada a Exposição Internacional de Escolas de Arquitetura (maio/junho).

Relacionar a estrutura didática da Escola com o trabalho a ser apresentado é a proposta colocada para os participantes desta Exposição. Essa nova abordagem da mostra é ressaltada pelo arq. Walter Maffei, secretário-executivo da comissão organizadora da I Bienal de Arquitetura, a realizar-se em setembro de 1973, em São Paulo.

A Exposição Internacional, diz Walter Maffei, vem somar a experiência das sessões de Arquitetura, presentes em todas as onze Bienais de Artes Plásticas já realizadas. Separada da mostra de Artes Plásticas, a Exposição e a Bienal de Arquitetura são o resultado natural da importância que vêm assumindo as questões

nessa área, exigindo novas formas de solução ao problema do espaço habitado. Promovidas pela Fundação Bienal de São Paulo, IAB e BNH, além do apoio de outros órgãos ligados às artes e à Arquitetura, as mostras vão em busca de um objetivo global: reunir os melhores trabalhos feitos em todo o mundo, visando a transformação e o aproveitamento do meio ambiente, nas cidades e no campo.

Como uma das promoções da I Bienal de Arquitetura, a Exposição Internacional de Escolas de Arquitetura (maio/junho de 1973) vem somar a experiência das sessões de Arquitetura presentes em todas as onze Bienais de Artes Plásticas já realizadas, com uma nova proposta, definida pelo arq. Walter Maffei como "o relacionamento entre a estrutura didática da Escola participante e o trabalho apresentado."

A decisão da Fundação Bienal de São Paulo, IAB e BNH em realizar a I Bienal de Arquitetura, em meados de setembro de 1973, é o resultado natural da importância que vêm assumindo as questões nessa área, exigindo novas formas de solução ao problema do espaço habitado. De uma maneira geral, a Exposição

Internacional estará integrada aos objetivos da I Bienal de Arquitetura: reunir os melhores trabalhos feitos em todo o mundo visando a transformação e o aproveitamento do meio ambiente, nas cidades e no campo. Secretário-executivo da I Bienal, o arquiteto Walter Maffei está elaborando o documento normativo da exposição, mas desde já informou quais os objetivos básicos a serem alcançados, no sentido de "incentivar a análise, a discussão e avaliação de métodos de ensino, conceitos didáticos e processos metodológicos de projeção, através do confronto das idéias e propostas de ensino de Arquitetura desenvolvido nos diferentes centros de cultura do mundo, e sua aplicação configurada em um projeto de espaço físico."

O trabalho — explica Walter Maffei — deverá mostrar "o processo de pesquisa e eventual tabulação de dados que antecedeu o Projeto, a metodologia empregada na interpretação e transformação dos dados em proposta de espaço físico e as interferências do projeto final na comunidade a que se destina. Deverá ser mostrada, também, a forma de participação dos alunos, professores e assessores."

A forma de apresentação será um critério da própria Escola, basicamente a partir de uma forma gráfica (desenhos, fotos, textos), podendo ser complementada por qualquer outro sistema de comunicação (filmes, slides, audiovisuais...).

Nesse período preparatório, a comissão está iniciando os contatos com mais de 200 escolas de Arquitetura de todo o mundo, sendo que mais de vinte já se manifestaram interessadas em participar. As inscrições encerram-se somente em fevereiro do próximo ano e ainda é muito cedo para prever quem virá. Entretanto, sabe-se pela experiência anterior das sessões de Arquitetura nas Bienais de Artes Plásticas, que as escolas européias são as que mais têm mandado projetos, seguidas pela América Latina e Estados Unidos.



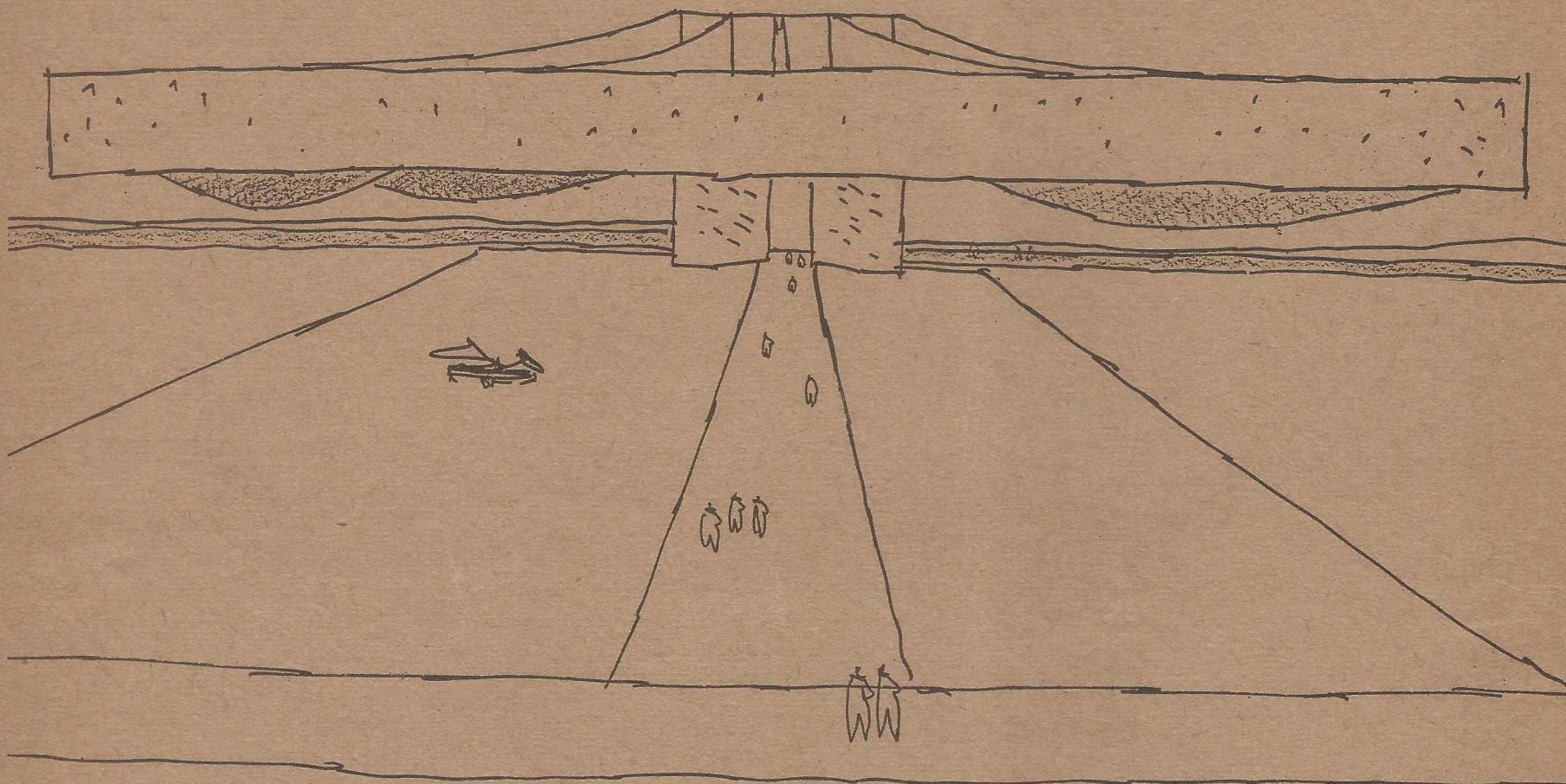
Um artigo exclusivo de Niemeyer

"Desejosos de preservar a vista para o mar, suspendemos todo o edifício sobre um apoio central, vigamentos de concreto na cobertura, tirantes metálicos e balanços de cinquenta metros." Palavras de Oscar Niemeyer explicando, em artigo exclusivo para o **Arquiteto**, seu mais novo projeto brasileiro. O Centro Musical

da Guanabara será construído junto ao Museu de Arte Moderna.

Niemeyer está desenvolvendo intensas atividades em sua passagem pelo Brasil e recebendo muitas homenagens. Uma muito importante foi a prestada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento de São Paulo. E o mês de dezembro, fértil

em homenagens, foi marcado também pela entrega do título de "Personalidade do Ano" ao velho mestre João Batista Vilanova Artigas, pelo IAB da Guanabara, em meio a grande festa no Museu de Arte Moderna. O projeto de Niemeyer está nas páginas 10 e 11, as homenagens a Artigas e Niemeyer na página 16.



Os bastidores e as lições do último Congresso da UIA

O arquiteto Demétrio Ribeiro, um dos integrantes da delegação oficial do Brasil que participou do Congresso da União Internacional dos Arquitetos, em Varna, Bulgária, conta na página 6 o que aconteceu nos bastidores da UIA e fala do papel desempenhado pelos países do Terceiro Mundo, com a liderança do Brasil.

Ainda o lazer: as teses apresentadas na UIA

Na página 7 apresentamos as teses sobre o lazer, analisado sob os seus mais variados aspectos: atividade, criatividade, espaço, lazer e subdesenvolvimento. A conclusão: "O arquiteto, como o artista, deixará no futuro de ser um fornecedor de obras

acabadas, para se tornar um instrutor e proponente de situações onde o espaço se organiza como fruto do exercício lúdico e criador coletivo".

CONFEA resolve sobre o preposto

O artigo 22 da Lei 5.194, de dezembro de 1966, prevê o direito do autor e co-responsável pela elaboração de projeto, especificação e detalhe técnico de obra, o direito de acompanhar sua execução, pessoalmente ou através de um terceiro, ou "preposto".

Agora, acaba de ser baixada pelo CONFEA a Resolução 213, que caracteriza a figura desse preposto como "o profissional de nível superior designado pelo autor ou pelo co-responsável pela elaboração de projeto, especificação ou detalhe técnico para representá-los na execução dos trabalhos".

Além disso, "se os trabalhos forem realizados na Região em que estiver residindo o autor ou o co-responsável, o preposto poderá ser um técnico de nível médio".

Sua atividade deverá ser precedida pela anotação de sua designação no Conselho Regional, em cuja jurisdição estiverem sendo realizados os serviços ou obras, e uma cópia dessa notificação deverá ser apresentada aos executores das obras para seu conhecimento.

O desprezo à arquitetura brasileira

Os arquitetos brasileiros não se conformam com a entrega de projetos da importância de uma Rio-Santos a profissionais estrangeiros. Na página 4, um importante depoimento sobre a participação do arquiteto no processo brasileiro e uma crítica ao

desprezo à classe, que tanto tem contribuído na busca de uma solução para os problemas de planejamento. A respeito deste tema, veja o artigo de Fábio Penteadó na página 3.

Conselho Superior do IAB se reúne em janeiro

A cidade de Goiânia foi escolhida para a reunião anual do IAB, que se realiza em janeiro. Na abertura do encontro serão conhecidos os trabalhos selecionados para participar da I Bienal Internacional de Arquitetura. Página 14.

A obrigatoriedade do Imposto Sindical

Como todos os trabalhadores e profissionais liberais, o arquiteto é obrigado a recolher o Imposto Sindical para poder exercer sua profissão. Veja na página 15 como proceder e os prazos de pagamento.

Bienal

Tudo pronto para o grande encontro

Está tudo pronto para a realização, em junho de 1973, da I Bienal de Arquitetura. Ela foi criada através da participação conjunta da Fundação Bienal de São Paulo, Instituto dos Arquitetos do Brasil e Banco Nacional de Habitação e pretende ser uma exposição de arte e de desenvolvimento de todas as realizações mundiais ligadas à atividade do arquiteto e de profissões afins. A Bienal terá duração de um mês.

Estão programadas exposições de trabalhos relacionados com Urbanismo, Edificação, Desenho Industrial (objeto), Comunicação Visual (mensagem), exposições temáticas de interesse do desenvolvimento nacional, além do Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura, seminários, conferências e encontros.

A Bienal será realizada com o apoio de instituições universitárias, órgãos nacionais e internacionais de arte e ciência, União Internacional dos Arquitetos, Federação Pan-Americana de Associações de Arquitetos e Unesco. O Itamaraty se encarregou de divulgar a Bienal de Arquitetura, através de suas representações, em todos os países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas.

A coordenação dos trabalhos está a cargo de um Conselho Diretor, que tem como presidente o arquiteto Oswaldo Correa Gonçalves.

Denominação, local e data

A Exposição Internacional de Projetos é uma das manifestações da Bienal de Arquitetura, devendo ocorrer de 8 a 30 de junho de 1973 no Parque Ibirapuera, em São Paulo, Brasil.

Objetivo

Terá por objetivo reunir Projetos de Arquitetura e equipes interdisciplinares, ligados à problemática da ocupação territorial nos diversos campos da atuação profissional, para um confronto e balanço crítico da arquitetura no início da década de 70, nos países participantes, versando as seguintes áreas: Urbanismo, Edificação, Objeto (desenho industrial) e Comunicação Visual (mensagem).

Participação

Participarão da Exposição Internacional de Projetos arquitetos inscritos (pessoa física) ou equipes interdisciplinares das quais façam parte arquitetos com trabalhos já concluídos. Sendo trabalho de planejamento, é suficiente que o processo de implantação esteja iniciado.

Apresentação dos trabalhos

A forma de apresentação será gráfica, podendo ainda acrescentar complementação em audiovisual, ou tridimensional.

1. Na forma gráfica, o arquiteto ou equipe participante terá direito a ocupar até três painéis de 1,20 m de altura por 2,40 m de largura, e, no

caso de projeto de planejamento, até seis painéis.

Os trabalhos do Brasil deverão ser enviados em pranchas rígidas, já montados, podendo ser em módulos de 0,60 m por 0,80 m (alt. x larg.). Os trabalhos provenientes de outros países deverão ser enviados normalmente pelo correio, somente em negativos das fotos, preto e branco, com esquema de montagem, juntamente com a importância de US\$ 100,00 por cada painel de 1,20 m x 2,40 m, para serem montados pela Bienal.

2. No caso da complementação de audiovisual, o arquiteto ou equipe participante deverá providenciar os equipamentos necessários à projeção desejada.

Prazo de inscrição e entrega dos trabalhos

1. Inscrições — deverão ser feitas nas sedes dos Institutos de Arquitetos, Sindicatos ou Órgãos de Classe de cada país, que deverão fazer a seleção dos trabalhos.

As fichas de inscrição dos trabalhos selecionados deverão chegar à Secretaria da Bienal até 2 de março de 1973.

2. Entrega dos trabalhos — Os trabalhos acompanhados da segunda via de inscrição deverão chegar à Bienal até 20 de abril de 1973.

Comissão de críticos e láurea

Será constituída uma Comissão Internacional com cinco arquitetos indica-

dos pelo Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura, com a finalidade de coordenar uma mesa-redonda para analisar os trabalhos e debater aspectos criativos, estéticos, sociológicos e técnicos que entram na elaboração de Projetos de Arquitetura no início da década de 70. Essa Comissão terá também por atribuição a escolha dos melhores trabalhos, os quais receberão diploma, sendo a três deles atribuídos os seguintes prêmios:

Prêmio Presidente da República — Medalha de Ouro — Cr\$ 40.000,00
Prêmio Ministro do Interior — Medalha de Prata — Cr\$ 20.000,00
Prêmio Banco Nacional da Habitação Medalha de Bronze — Cr\$ 10.000,00
O critério de premiação é de responsabilidade total dessa Comissão, que é soberana nas decisões.

Disposições gerais

Os trabalhos expostos, salvo os de apresentação especial, serão considerados doados à Fundação Bienal de São Paulo para o acervo da Bienal de Arquitetura, os quais poderão ser utilizados em exposições e publicações.

O endereço para o envio dos trabalhos é: Fundação Bienal de São Paulo, Caixa Postal 7832, Parque Ibirapuera — São Paulo — Brasil.

Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pelo Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura.

construções em pré-moldados de concreto

RODRIGUES LIMA

CONSTRUTORA E INDUSTRIAL LTDA.

AVENIDA EUSÉBIO MATOSO N.º 690 — TELEFONES: 286 4025 286 4036 — SÃO PAULO

O Regulamento da Exposição Internacional de Escolas

Exposição de Escolas

O Regulamento aprovado pelo Conselho Diretor da Bienal para a Exposição Internacional de Escolas de Arquitetura, que será realizada paralelamente à Exposição de Projetos, como uma das manifestações da Bienal de Arquitetura, é o seguinte:

Objetivo — Tema — Apresentação

Objetivo — Incentivar a análise, discussão e avaliação de métodos de ensino, conceitos didáticos e processos metodológicos do projeto, através do confronto das idéias e propostas de ensino de arquitetura desenvolvido nos diferentes centros de cultura do mundo, e sua aplicação configurada num projeto de espaço físico.

Tema — Ficará a critério de cada Escola, devendo ser projeto para o país de origem, sendo trabalho curricular ou não.

O trabalho — Deverá ser mostrado o processo de pesquisa, a metodologia empregada na interpretação e transformação dos dados em proposta de espaço físico e as interferências do projeto final na comunidade a que se destina. Deverá ser mos-

trada também a forma de participação dos alunos, dos professores e assessores.

Didática da Escola — A Escola deverá apresentar a estrutura didática do curso de Arquitetura, os objetivos a atingir pelos departamentos ou disciplinas que estejam vinculadas ou interfiram no destino do projeto.

Apresentação do trabalho — O trabalho deverá ser apresentado de forma gráfica, em até três painéis de 120 x 240 cm, podendo ser acompanhado por outras formas de expressão. O trabalho deve ser remetido à Fundação Bienal de São Paulo, ficando a cargo das Escolas a montagem em painéis.

Prêmios — Júri de Premiação

Premiação — Haverá premiação em dinheiro e diplomas. Haverá também diploma de participação.

Prêmio Governador do Estado de São Paulo — Medalha de Ouro — Cr\$ 25.000,00.

Prêmio Prefeito Municipal de São Paulo — Medalha de Prata — Cr\$ 15.000,00.

Júri de Premiação — O Júri de Premiação será indicado pelo Conselho

Diretor da Bienal de Arquitetura (até abril de 1973).

Disposições gerais

Inscrições e entrega do trabalho — As inscrições deverão ser feitas até abril de 1973, através da ficha anexa. Os trabalhos deverão ser remetidos até 10 de maio de 1973, para a Fundação Bienal de São Paulo — Bienal de Arquitetura — Parque Ibirapuera — Caixa Postal 7832 — São Paulo — Brasil.

As decisões do Júri de Premiação são irrevogáveis.

A Bienal de Arquitetura não se responsabiliza por eventuais danos sofridos pelos trabalhos enviados.

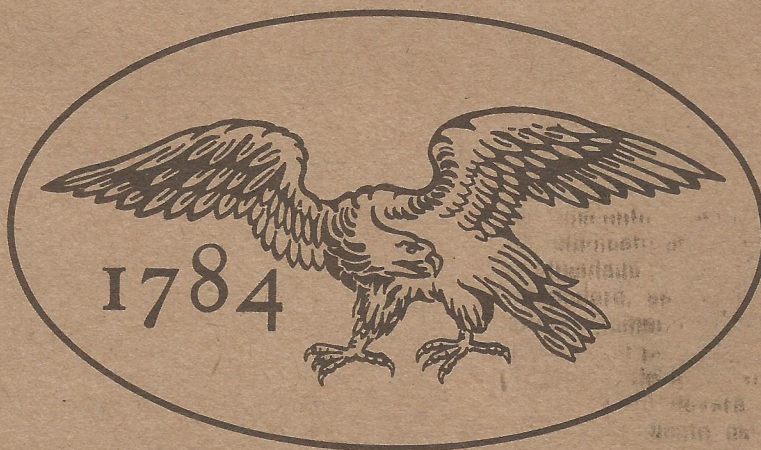
Se houver diferença de grafia nos nomes dos inscritos, prevalecerá a constante da ficha de inscrição.

A Bienal de Arquitetura se exime de eventual omissão, no catálogo ou na montagem, se as datas não forem respeitadas.

A assinatura da ficha de inscrição implica a aceitação das normas deste Regulamento.

Os trabalhos deverão ser remetidos até 10 de maio de 1973 para a Fundação Bienal de São Paulo, que poderá utilizá-los em exposições ou publicações.

Financiamento para arquitetos



PARA O ARQUITETO JÁ NÃO EXISTEM MAIS BARREIRAS NEM
LIMITES PARA CONSEGUIR DINHEIRO. BASTA VOCÊ VIR AO
BANCO DE BOSTON ESCOLHER O PRAZO E O QUANTO DESEJA.
NOSSA CARTEIRA DE EMPRÉSTIMOS ESTÁ A SEU DISPOR.

BANCO de BOSTON

SÃO PAULO
Rua Líbero Badurá, 487 - fone: 33-2193
Rua Estados Unidos, 1390 - fone: 81-9826
RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 18 - fone: 223-2191
CAMPINAS
Av. Francisco Glicério, 1275 - fone: 8-5147
PORTO ALEGRE
Rua 7 de Setembro, 1126 - fone: 24-4337

Bienal de Arquitetura vai ganhando força

Com o crescimento do número de adesões, nacionais e internacionais, a Bienal de Arquitetura vai ganhando força. Para projetos nacionais, o prazo de inscrição encerra-se este mês. Página 15.

As novas diretrizes do IAB nacional

Os debates e as resoluções da reunião do Conselho Superior do IAB estão nas páginas 8 e 9, num relato de Miguel Pereira, presidente da entidade.

BNDE abre inscrições para concurso

O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e o IAB abriram inscrições para o concurso de escolha do ante-projeto da nova sede do banco. O prazo vai até 23 de março e os documentos exigidos são: fotocópia registrada do registro do CREA, fotocópia da anuidade do CREA, fotocópia da anuidade do IAB de 1972 e do 1.º bimestre de 1973, fotocópia do imposto sindical, CIC. A taxa de inscrição é de Cr\$ 50,00.

Concurso sem apoio do IAB-RGS

Por ter uma série de falhas e inclusive desrespeitar a legislação que rege o exercício profissional, o concurso para escolha de projeto para um hotel de "estilo bávaro-suíço" na cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, não teve o apoio do IAB. A entidade recomendou que os arquitetos se abstivessem de participar do referido concurso, caso os promotores não mudassem o regulamento.

A atuação do Brasil na UIA

Fábio Penteado faz nas páginas 6 e 7 um relato da participação do Brasil no órgão mundial dos arquitetos. E pede uma atuação conjunta da ONU, Unesco e UIA.

Os problemas da reurbanização

A arquiteta Bona de Villa abre um debate sobre as questões da reurbanização. Nas páginas 10 e 11.



Fotógrafos Associados

Os verdadeiros culpados pelos desabamentos

Erro de cálculo. Erro de projeto. Qualquer acidente nas construções civis, os engenheiros e arquitetos são logo apontados como culpados. Uma solução fácil, que em nada contribui para a melhoria das condições de segurança em nossas obras. Não somos contra a apuração das responsabilidades. Mas as investigações não podem ficar no nível superficial. É preciso buscar as verdadeiras

causas dos desabamentos, que muitas vezes estão na preocupação com os maiores lucros na área da empresa privada ou na apresentação de maior número de obras no menor prazo possível, para atender a interesses políticos, na área pública. O aumento da margem de riscos está nas execuções a toque de caixa, nas pesquisas sumárias, nos projetos apressados. A responsabilidade pelos desastres

é das empresas que relegam o trabalho do engenheiro e do arquiteto a um segundo plano.

Em "Opinião" deste mês, publicamos a nota oficial do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento da Guanabara, e do Sindicato dos Arquitetos no Estado da Guanabara, sobre o desabamento do Supermercado Ideal. O documento está na página 3.

Os grandes projetos nacionais na Bienal de Arquitetura

"O Ambiente que o Homem Organiza" será um dos temas de destaque na Bienal de Arquitetura, de 8 a 30 de junho, no Pavilhão da Bienal, Parque do Ibirapuera, São Paulo. Seu objetivo é complementar a temática da exposição, permitindo uma visão do fator projeto/produção, de forma que as unidades produtivas, atendendo ao desenvolvimento econômico, favoreçam também as condições de vida da coletividade.

Pretende, também, mostrar a relação entre os grupos que se dedicam a planos e projetos e aqueles que atuam nos serviços e na produção, além de destacar o significado das unidades produtivas na ocupação física territorial e o seu papel na organização do meio ambiente.

O sentido de dirigir a exposição para a problemática da ocupação territorial, segundo o presidente do Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura, Oswaldo Corrêa Gonçalves, será confirmado com a mostra dos grandes projetos nacionais de arquitetura e urbanização. A Prefeitura de São Paulo, por exemplo, participará através da Emurb e Cogep com a mostra de projetos de vias expressas, lei de zoneamento e reurbanização de Santana, além dos projetos do metrô paulistano.

Os ministérios dos Transportes, Planejamento, Interior e da Indústria e do Comércio já confirmaram sua participação através de órgãos como DNER, DNPVN, DNEF, Sudam, Sudepe, Petrobrás, Eletrobrás e Embratur. Na área estadual, é certa a participação da CESP, Cetesb, Gegram, Dersa e Fumest, das secretarias de Obras, Planejamento, Turismo e Transportes.

Além disso, a Prefeitura de São Paulo se encarregou de entrar em contato com as suas congêneres de Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Salvador, no sentido de que elas também enviem projetos que se enquadrem nos objetivos da exposição "O Ambiente que o Homem Organiza".

O que e como apresentar

O expositor deverá mostrar como se deu a ocupação territorial e as mudanças ocorridas na área, diante de sua atuação em termos de estímulo aos setores correlatos, repercussões de ordem sócio-econômica, física e cultural. Em função disso, os benefícios que a comunidade ganhou e os estudos para a eliminação dos efeitos indesejáveis.

Todo o material e sua respectiva montagem no local ficarão por conta do expositor. O trânsito será tipo percurso obrigatório. Portanto, a organização do espaço deverá levar em conta a necessidade de se manter a circulação, que poderá ser de forma irregular, sem prejudicar, porém, o livre trânsito. O projeto de ocupação deverá ser submetido, previamente,

à apreciação técnica da Bienal de Arquitetura, que irá opinar sobre o conteúdo, a relação com os objetivos da exposição, os aspectos estéticos e outros relativos à ocupação da área. Os trabalhos especiais, cujo tipo de apresentação e conteúdo não estejam de acordo com essas normas, dependerão de uma consulta prévia ao Conselho Diretor para a sua participação.

Estudante no júri

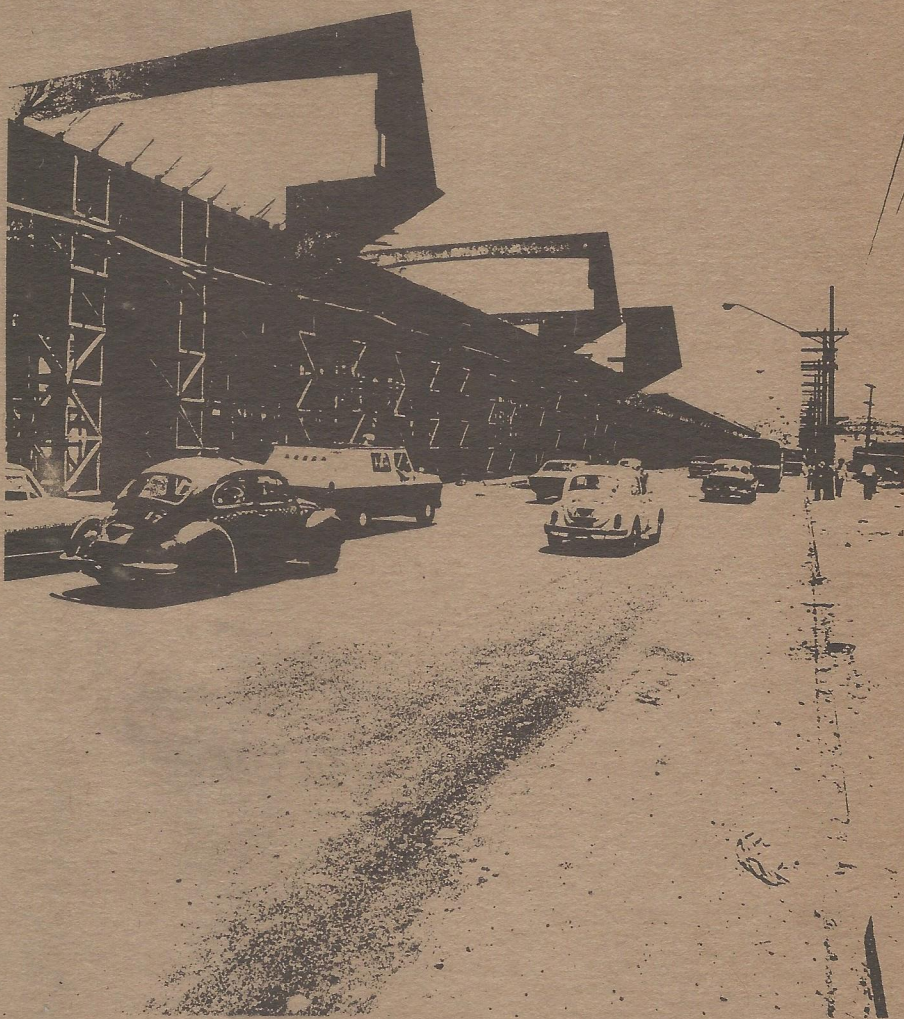
Pela primeira vez, os estudantes estarão representados num júri de premiação. Será jurado o vencedor do concurso nacional de teses sobre "Critérios de Avaliação de Arquitetura", promovido pela Comissão Regional Sul de Estudantes para Encontro de Escolas.

Cada Faculdade de Arquitetura que for participar da Bienal terá o mes-

mo espaço regulamentar, onde poderá apresentar um máximo de três trabalhos.

Os prazos

Para todos os participantes da Bienal de Arquitetura o prazo para a entrega do material vai até o final de março. Por essa razão, o Conselho Diretor recomenda a máxima urgência, para que os trabalhos concorrentes cheguem a tempo de ser selecionados. A repercussão da Bienal de Arquitetura tem sido muito intensa nos órgãos oficiais e entre os profissionais do setor. Nas escolas de arquitetura, com o reinício das aulas, ela vem despertando grande interesse junto aos estudantes. Associando-se a isso a boa aceitação que teve no exterior, espera-se que essa Bienal seja de real importância para o desenvolvimento da Arquitetura.



Fotógrafos Associados

CONTABILIDADE ESPECIALIZADA

Legalização Escrita atrasada Balanços Registros de arquitetos autônomos INPS ISS Imposto de Renda Aposentadoria junto ao INPS Incentivos Fiscais

A ÚNICA ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL ESPECIALIZADA

AUDICONTÁBIL

Av. Liberdade, 701 1.º Cj. 15 Fones: 278 7819 278 3653

Rio-Santos, um projeto com muitos problemas

Reunidos em assembléia no Rio e em São Paulo, os arquitetos criticaram severamente o plano de aproveitamento turístico da região litorânea entre Rio e Santos, cuja execução foi entregue à firma francesa SCET — Internationale. Para os dirigentes do Sindicato dos Arquitetos do Estado da Guanabara, os técnicos franceses não têm o know-how necessário que permita a implantação do plano. E mais: o planejamento turístico da região parte de uma contradição bási-

ca: a de ser uma resultante da construção da estrada, em vez de seu traçado ser uma das resultantes de um planejamento prévio.

Na página 4, as manifestações dos arquitetos paulistas e cariocas sobre os problemas que a contratação da firma francesa, para executar o Projeto Turis, vem provocando.

Chico, nosso chargista, analisa na página 18 o problema da importação de know-how. Para ele, "esse negócio de know-how é muito relativo".

Gaúchos criticam concurso para hotel em Gramado

O arquiteto é o organizador do espaço físico, cria desde o objeto até a cidade. Ele tem oportunidade de revitalizar o processo cultural, mostrando novas soluções, revelando ao povo uma nova linguagem, um novo uso e o melhor aproveitamento do material disponível. Mas até que ponto um leigo pode determinar o estilo que deve vigorar e caracterizar uma região? É com este argumento que o IAB do Rio Grande do Sul e a Associação Profissional dos Arquitetos de

Porto Alegre estão contestando o concurso lançado pela Companhia Tropical de Hotéis Centro-Sul para escolha do anteprojeto do hotel a ser construído em Gramado. Basicamente, os arquitetos gaúchos não só discordam do "estilo bávaro-suíço" pretendido pelos promotores do concurso, como alegam que o julgamento dos trabalhos inscritos não pode ser feito por leigos. Há também o problema dos honorários. Página 8.

A evolução da morada paulista segundo Saia

Com uma visão bastante crítica de arquitetura "histórica" o arquiteto Luís Saia escreveu "Morada Paulista", um tema fascinante que é tratado pelo autor como parte da problemática habitacional brasileira e não de forma isolada. O livro vem acompanhado de fotografias, esquemas e plantas, para facilitar a compreensão do assunto. Página 17.

A foto ao lado é do arquiteto César Bergström Lourenço, de Fotógrafos Associados.



A Bienal caminha para o sucesso

Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente da comissão diretora da I Bienal de Arquitetura, fala, nas páginas 10 e 11, sobre a mostra que será realizada em junho próximo. Tanto no país como no exterior, a Bienal vem tendo uma grande repercussão, o que o deixa bastante otimista quanto ao seu sucesso, sobretudo pelo nível dos trabalhos que vêm sendo apresentados pelos arquitetos brasileiros.

Os problemas do arquiteto, vistos por um sociólogo

Uma das razões dos problemas profissionais do arquiteto: "Ele foi educado para produzir sua obra com liberdade, porém está cada vez mais preso às limitações que são impos-

tas pela sua condição de assalariado e de uma simples peça no sistema burocrático". Quem diz isso é o sociólogo José Carlos Durand, que fez do arquiteto sua tese de mestrado na USP. Páginas 14 e 15.

O caminho mais fácil para conseguir uma bolsa de estudo

Com sua experiência de vários anos como bolsista na Europa, Sérgio Teperman, na página 12, dá as dicas para se conseguir bolsa de estudo. E aconselha aos candidatos sobretudo extrema persistência. O prêmio para os teimosos não é apenas a possibilidade de cursar uma universidade no exterior. "Ao realizar uma viagem", diz Teperman, "o arquiteto praticamente vive a história da arquitetura que nos livros e compêndios não passa de uma maçante compilação de fotos e de eventos."

Nova estrutura para o planejamento municipal

Na página 3, o arquiteto cearense Jorge Neves defende uma nova estrutura para o planejamento municipal, sobretudo nas cidades do Nordeste, que possuem seus planos de desenvolvimento integrado, seus relatórios preliminares e seus planos diretores que nunca chegam à fase de execução.

Incentivos fiscais para desenvolver o desenho industrial

Representando o IAB/SP, o arquiteto Lívio Levi participou no Recife do Encontro do Desenho Industrial, onde se estudaram medidas concretas para o seu desenvolvimento no Brasil. Uma das propostas defendidas por

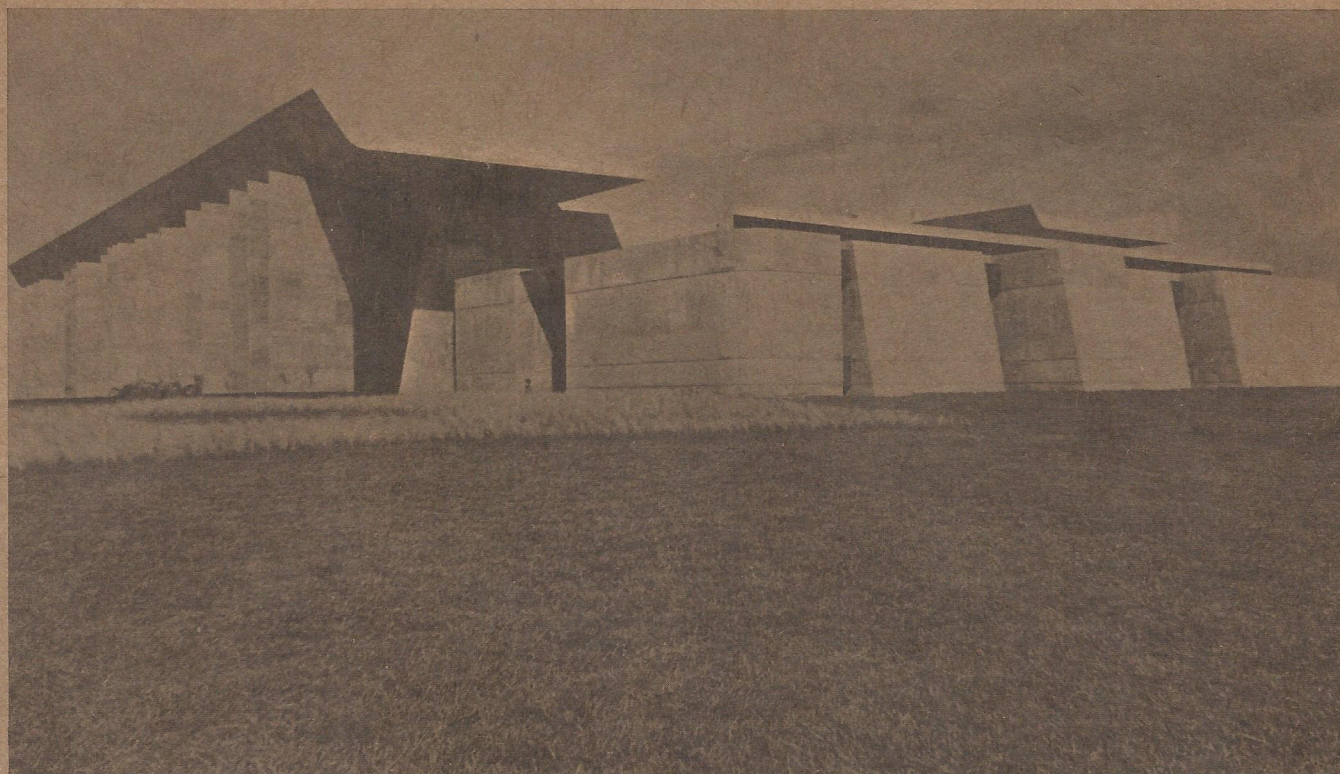
ele e outros profissionais sugere a criação de incentivos fiscais para as empresas que utilizem os serviços de desenhistas industriais. Página 8.

Número especial sobre a Bienal de Arquitetura

No próximo número, **Arquiteto** publicará a relação dos arquitetos selecionados para participarem da Bienal de Arquitetura. Em maio, daremos uma edição especial do jornal dedicada à Bienal: os principais projetos expostos, as propostas das escolas de arquitetura, os grandes projetos nacionais. A história e as lutas para a realização da Bienal de Arquitetura, como mostra independente da Bienal de Artes Plásticas. Essa edição será distribuída em todo o Brasil uma semana antes da abertura da Bienal. O fechamento para publicidade será dia 17 de maio.

O entusiasmo pela I Bienal de Arquitetura

Biblioteca Central da UNB, projeto inscrito pelos arquitetos Miguel Alves Pereira, José Alves Galbinsky, Walmir Santos Aguiar e Jodete Rios Sócrates (BSB).



Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente da Comissão Diretora da I Bienal de Arquitetura, está entusiasmado com a repercussão que a mostra vem conseguindo, no Brasil e no Exterior. Ainda há muito trabalho pela frente, mas ele acredita que a mostra será um sucesso. O nível dos trabalhos que vêm sendo apresentados pelos arquitetos brasileiros servirá para reafirmar a posição de vanguarda e destaque que a arquitetura brasileira desfruta em todo o mundo, e o trabalho do júri de seleção não será nada fácil.

Outro dado importante para o sucesso da Bienal, segundo Oswaldo Corrêa Gonçalves, é a participação dos órgãos governamentais na exposição sobre "O Ambiente que o Homem Organiza". Aí estarão os grandes projetos nacionais que servirão como afirmação da participação do arquiteto no desenvolvimento nacional.

Em audiência concedida ao conde Matarazzo e a Oswaldo Corrêa Gonçalves, Miguel Alves Pereira — presidente nacional do IAB — e outros dirigentes da Fundação Bienal e Bienal de Arquitetura, o governador Laudo Natel, do Estado de São Paulo, mostrou-se entusiasmado com a iniciativa e determinou às secretarias e empresas do Estado que participem da mostra, com projetos ligados à interiorização do desenvolvimento.

Exposição Internacional de Projetos, Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura e Exposição "O Ambiente que o Homem Organiza" constituem os três elementos fundamentais da Bienal de Arquitetura que será inaugurada em 8 de junho, no Ibirapuera.

Panorama geral

A Exposição Internacional de Projetos já recebeu adesões de arquitetos da Argentina, Itália, Iugoslávia, Holanda, Polônia, China Nacionalista, França, Grã-Bretanha, Japão, EUA, Tchecoslováquia, México, Colômbia, Argélia e Espanha.

Para o Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura já se inscreveram, além das escolas brasileiras, a Facoltà di Architettura — Istituto di Urbanistica, Itália; Technion — Israel Institute of Technology, Israel; Stedelijk Hoger Instituut voor Architectuur & Stedebouw, Bélgica; Institut d'Architecture et d'Urbanisme de Strasbourg, França; Faculté d'Architecture — École Polytechnique à Wrocław, Polônia, e College of Architecture — University of Santo Tomas, Filipinas, entre outras. É esperada a participação de mais de 20 escolas do exterior.

A Exposição "O Ambiente que o Homem Organiza", que apresentará grandes projetos nacionais de ocupação territorial, já recebeu importantes adesões. Na área federal devem confirmar sua participação: do Ministério da Agricultura: o IBDF, o INCRA, a SUDEPE, a SUNAB, o BNCC, a CIBRAZEM e a COBAL; do Ministério do Interior: o DNOC, o DNOS, a SUDENE, a SUVALE, o BNH, o SERFAU, a FUNAI; do Ministério dos Transportes: o DNPVN, o DNER, o DNEF, a SUNAMAM e a Rede Ferroviária Federal; do Ministério das Minas e Energia: a Companhia do Vale do Rio Doce, a PETROBRAS, a ELETROBRAS e a CPRM.

No Estado de São Paulo devem participar: a Secretaria Estadual de Transportes, a DERSA, a FEPASA, o DER e a VASP; a Secretaria Estadual de Obras, o COTESP, a SAEC, a

CESP, a CETESB, a COMASP, o FESB, a SANESP e a SBS; a Secretaria da Economia e Planejamento e o GERAN; a Secretaria Estadual da Educação e o FECE.

Na área municipal, irão participar as prefeituras das capitais, entre outras as de São Paulo, Curitiba, Goiânia, Fortaleza e Recife.

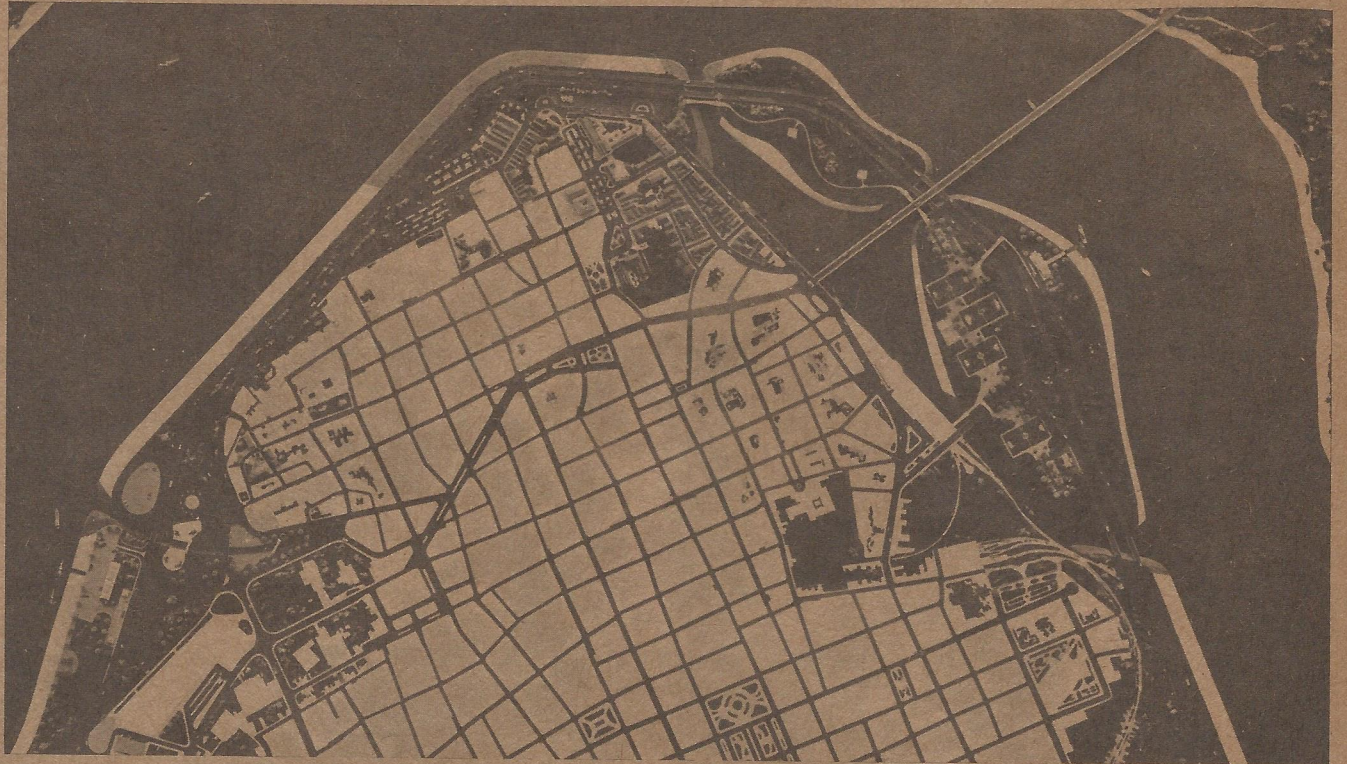
O júri de seleção da Bienal de Arquitetura reúne-se nos dias 13, 14 e 15 de abril para examinar os projetos de arquitetos brasileiros. A seleção será no Pavilhão da Bienal, no Ibirapuera. O júri é integrado pelos arquitetos Alfredo Porto Britto, do IAB-Guanabara; Edgar Graeff, do IAB-Brasília, e o prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, do IAB-Paraná. No próximo número, a relação dos selecionados.

Controle ambiental será debatido

"Controle Ambiental" será tema de simpósio na Bienal Internacional de Arquitetura. O encontro está sendo organizado sob os auspícios do Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde de São Paulo, com a colaboração da Organização Mundial da Saúde / United Nations Development Projects.

Dos Estados Unidos deverão vir os engenheiros William Sinley e Cezar Marcher, já estando convidados ainda os professores Walter Engracia de Oliveira, Samuel Branco, Paulo Nogueira Neto, especialistas em ecologia, o arquiteto Ubaldo Carpigiani e os engenheiros Nelson Nesussi, Fernando Guimarães e Carlos Celso do Amaral e Silva, este último diretor do projeto 2.073, que se elabora em São Paulo de acordo com o Convênio Governo do Estado—ONU.

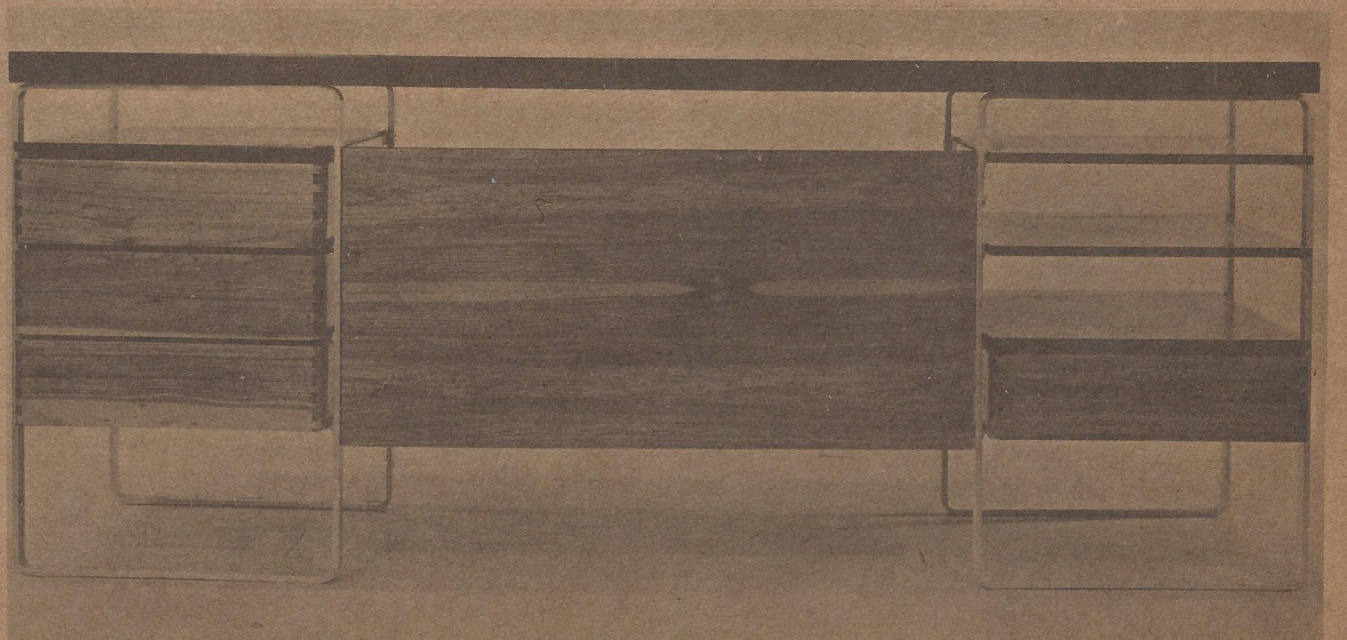
O entusiasmo pela I Bienal de Arquitetura



Anel Rodoviário de Contorno
de São Luís,
projeto inscrito pelo arquiteto
Wit-Olav Prochnik (MA).



Laboratório Aché,
projeto inscrito pelo arquiteto
Ruy Ohtake (SP).



Desenho Industrial,
projeto inscrito pelo arquiteto
Günther Weimer (RGS).

A ampliação das áreas metropolitanas

O projeto que o governo federal enviou ao Congresso, criando as chamadas áreas metropolitanas, é um projeto tímido, mas representa um primeiro passo para a solução dos problemas de planejamento nos grandes aglomerados urbanos.

Os arquitetos sempre consideraram de importância fundamental a criação das chamadas áreas metropolitanas, não apenas nas zonas de influência das capitais, mas também no interior dos Estados, onde está ocorrendo o fenômeno de conurbação. A contribuição que o arquiteto pode dar no encaminhamento de soluções para este tipo de problema não tem sido solicitada pelos poderes públicos na medida desejada. E esta participação torna-se a cada dia mais urgente, a fim de que se atinjam os objetivos de humanização das cidades. Nas páginas 3, 4, 5 e 6, o projeto do governo — para os arquitetos tomarem conhecimento e debaterem —, as críticas ao projeto governamental e um documento redigido por Fábio Penteadó em 1969, que mostra as preocupações dos arquitetos a respeito do problema de planejamento.



Fotógrafos Associados

Bienal terá reflexos nos projetos do BNH

Já se pode prever os reflexos que a I Bienal de Arquitetura terá sobre o Plano Nacional de Habitação Popular. Segundo Bartholomeu Bueno de Miranda, delegado regional do BNH em São Paulo, o Planhap busca dar a casa ao mutuário com o mesmo objetivo do arquiteto, que procura soluções humanas para a habitação. O BNH, um dos patrocinadores desta Bienal, já dava todo apoio à exposição mesmo quando ela ainda era uma parte da Bienal de Artes Plásticas.

Além de oferecer prêmios, o Banco participará com os trabalhos do projeto CURA — Comunidade Urbana em Recuperação Acelerada —, que

terá sua implantação explicada e debatida. Essa será, segundo o delegado do BNH, uma excelente oportunidade para despertar nos estudantes de arquitetura o interesse pela habitação popular.

Nas páginas centrais do **Arquiteto**, um panorama completo do que será a primeira mostra internacional de arquitetura. Todos os trabalhos inscritos serão apresentados, independentemente da seleção para a premiação.

Um jornal aberto para debates

A seção de cartas agora está na página 2. A sua disposição, para você dizer o que pensa, para protestar, aplaudir ou criticar. Vamos exercitar

o debate. Se você concorda com determinada matéria, escreva. Se você não concorda, escreva. Explique suas razões, dê seus argumentos. Numa carta ou num artigo. O **Arquiteto** não pretende ser um jornal de cátedra. Queremos abrir o jornal cada vez mais aos arquitetos brasileiros.

Transferida a inauguração da Bienal

A inauguração da Bienal de Arquitetura foi transferida para o dia 18 de junho. A transferência de datas foi motivada pelo atraso no recebimento de material do exterior e de alguns Estados.

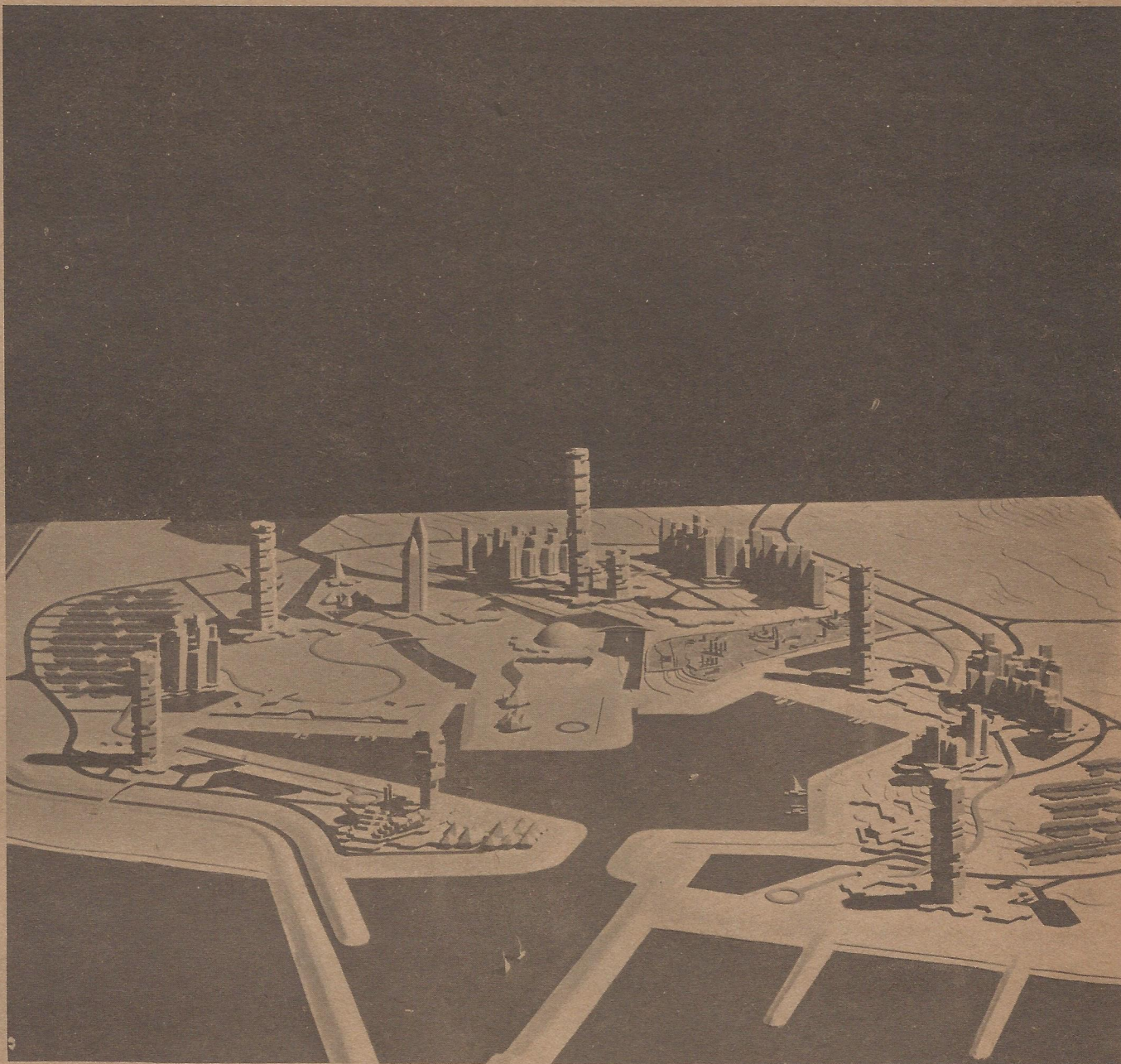
Na abertura da Bienal de Arquitetura

será distribuído o número especial do **Arquiteto** sobre a primeira mostra internacional de arquitetura. O jornal terá sua tiragem aumentada, para distribuição aos visitantes da Bienal.

25 anos da Faculdade de Arquitetura da USP

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo completa este ano 25 anos de fundação. Uma comissão de ex-alunos, coordenada pelos arquitetos Ariosto Mila, Arnaldo Martino e Rui Gama, está preparando as festividades, que serão realizadas no segundo semestre. O grêmio da FAU também participa da organização.

Bienal: está tudo pronto para o grande acontecimento



Lutz Quaresma — Centro Turístico de Vilamoura (Portugal)

Poucas vezes a síntese foi tão bem aplicada para definir o tema de uma promoção. O título da primeira Bienal de Arquitetura é um exemplo de uma série de atividades resumidas numa única expressão: "O Ambiente que o Homem Organiza: Suas Conquistas e Suas Dificuldades". Segundo o arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente do Conselho Diretor da Bienal, "não queremos dizer com isso que os arquitetos são seres onipresentes e todopoderosos, mas constatamos, simplesmente, que toda a atividade humana relacionada com a organização do espaço está ligada à arquitetura". E foi uma natural necessidade de acompanhar essa diversificação de atividades que levou à criação de uma bienal de arquitetura auto-suficiente, ao contrário do sistema anterior, quando os trabalhos dos arquitetos eram expostos numa divisão da Bienal de Artes Plásticas. A programação da primeira Bienal, sem ter a pretensão de esgotar todos os setores em que o trabalho do arquiteto interfere, consegue abordar os mais importantes aspectos ligados à ocupação física territorial e

à influência que exercem na organização do meio ambiente. A dimensão internacional da Bienal permitirá que essas experiências sejam expostas, debatidas e intercambiadas a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos diferentes países que participarão do encontro. Foram definidos quatro setores básicos: uma exposição internacional de projetos, uma exposição internacional de escolas de arquitetura, um simpósio nacional de escolas de arquitetura e uma exposição de obras, produtos e equipamentos de entidades oficiais e empresas privadas. Através da exposição internacional de projetos, a Bienal oferecerá uma visão ampla dos diversos campos da atividade profissional e um confronto/balanco crítico da arquitetura no início da década de 70. A seleção dos trabalhos por áreas obedecerá aos seguintes setores: urbanismo, edificação, objeto (desenho industrial) e comunicação visual (mensagem). O grande número de adesões internacionais e a participação efetiva dos arquitetos brasileiros fazem pre-

ver um encontro que terá grande repercussão para a arquitetura nacional e internacional. Dois fatos isolados dão a medida da importância e do interesse que a Bienal de Arquitetura tem despertado internacionalmente: quando o governo da Argélia consultou o Itamaraty para saber como deveria inscrever seus projetos ligados ao aproveitamento de áreas desérticas, os membros do Conselho Diretor da Bienal puderam ter a confirmação da expectativa em torno da realização. Ao mesmo tempo, o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer confirmava sua participação em conversa mantida com Oswaldo Gonçalves, através de telefonema direto, de Paris. A presença de grandes nomes da arquitetura internacional e respeitados especialistas de problemas do controle ambiental é outro fator que contribuirá para projetar a Bienal de Arquitetura. Foram convidados os arquitetos Louis Kahn, dos Estados Unidos, Alvar Aalto, da Finlândia, Pier Luigi Nervi, da Itália, Burle Marx e Villanova Artigas, do Brasil, entre outros.

Artes e Arquitetura de Fortaleza, Ceará; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos, São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília.

Os estudantes e professores de todas as escolas do Brasil farão um simpósio sobre o Currículo Mínimo, levantando questões básicas sobre o ensino e pesquisa de arquitetura no Brasil. Para o arquiteto Alfredo Porto Britto, do IAB Guanabara e um dos membros do júri nacional, "a Bienal proporcionará uma aproximação entre profissionais e alunos, dando a oportunidade de fazer propostas com inteira liberdade, podendo ainda despertar o interesse dos alunos pelo aprofundamento da pesquisa".

Produtos e equipamentos

As realizações do governo no campo das construções urbanas, engenharia rodoviária e obras de integração nacional serão expostas na Bienal. Ao lado de trabalhos sobre os grandes projetos públicos — particularmente as novas experiências do BNH na área de habitação popular —, a Bienal, pela primeira vez, terá a presença de firmas construtoras e empresas industriais responsáveis pela realização de obras de infra-estrutura e pela produção de diversos equipamentos.

Grande parte da área de 20 000 m² da Bienal será ocupada por uma exposição das realizações dessas firmas e dos equipamentos industriais produzidos para vários setores, da construção civil, construção naval,

barragens e hidrelétricas, rodovias e obras urbanas em geral. Para os arquitetos, tudo isso interfere no processo de transformação e ocupação territorial do país, na relação do homem com o meio ambiente, que é a grande temática da Bienal.

Nordeste e Amazônia

Depois de manter uma série de contatos nos Estados do norte e nordeste, o arquiteto Mário Pinheiro — representante do BNH no Conselho Diretor da Bienal — anunciou a presença de representações oficiais dos Estados da Bahia, Pernambuco, Ceará e Amazonas, com apoio dos governos estaduais e prefeituras locais. Fortaleza mostrará o sistema viário básico, os centros comunitários de bairro e a nova estação rodoviária; a Superintendência da Zona Franca de Manaus enviará o projeto da área industrial; e o governo da Bahia — através da Urbis — trará para a Bienal o projeto do grande centro administrativo que está sendo construído em Salvador. O BNH apresentará trabalhos referentes à parte habitacional, saneamento, as experiências que estão sendo feitas na área da habitação popular e o projeto CURA — Comunidades Urbanas em Recuperação Acelerada, primeiro projeto de desenvolvimento urbano que o Banco está preparando.

O Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional oferecerá uma exposição das cidades antigas do nordeste, possibilitando uma comparação com as novas soluções urbanísticas, como Curitiba e São Paulo. Os frequentadores da Bienal poderão conhecer o que será a "Nova São Paulo": a Prefeitura vai mostrar seus planos para a cidade, através

de painéis sobre as vias expressas, o zoneamento e o metrô.

Seminário sobre ambiente

Além de uma mostra cinematográfica de arquitetura e urbanismo, a programação da Bienal inclui reuniões sobre o meio ambiente, sob os auspícios da Faculdade de Saúde Pública/DSA em convênio com a Organização Mundial de Saúde/UNDP.

Esse seminário será aberto no dia 18 de junho, com introdução do professor Ubaldo Carpigiani, diretor do Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, mostrando o elo de ligação entre arquitetura e saneamento. Em seguida, o professor Samuel Murgel Branco, consultor da Organização Mundial de Saúde e professor de hidrobiologia sanitária, falará sobre "Poluição Ambiental — Ecologia". No dia 19, o professor Paulo Nogueira Neto, do Instituto de Bio-Ciência e diretor da Associação de Conservação da Natureza, abordará o tema "Conservação da Natureza", seguindo-se a palestra do professor Walter Engracia de Oliveira, diretor da Faculdade de Saúde Pública da USP, sobre o "Problema do Lixo". A poluição da água e a poluição do ar serão tratadas nos dias 20 e 21, respectivamente, pelos professores Carlos Celso do Amaral e Silva e Nelson Nefussi. Carlos Celso Amaral é diretor do Projeto Brasil 2103 — a ser desenvolvido através do Fundo Especial das Nações Unidas — e o professor Nelson Nefussi é superintendente da Susam — Superintendência de Saneamento Ambiental.

O seminário será encerrado no dia 22, com uma mesa redonda, participando todos os expositores e, co-

mo convidados especiais, os professores William Finley e César Macher, da Organização Mundial de Saúde.

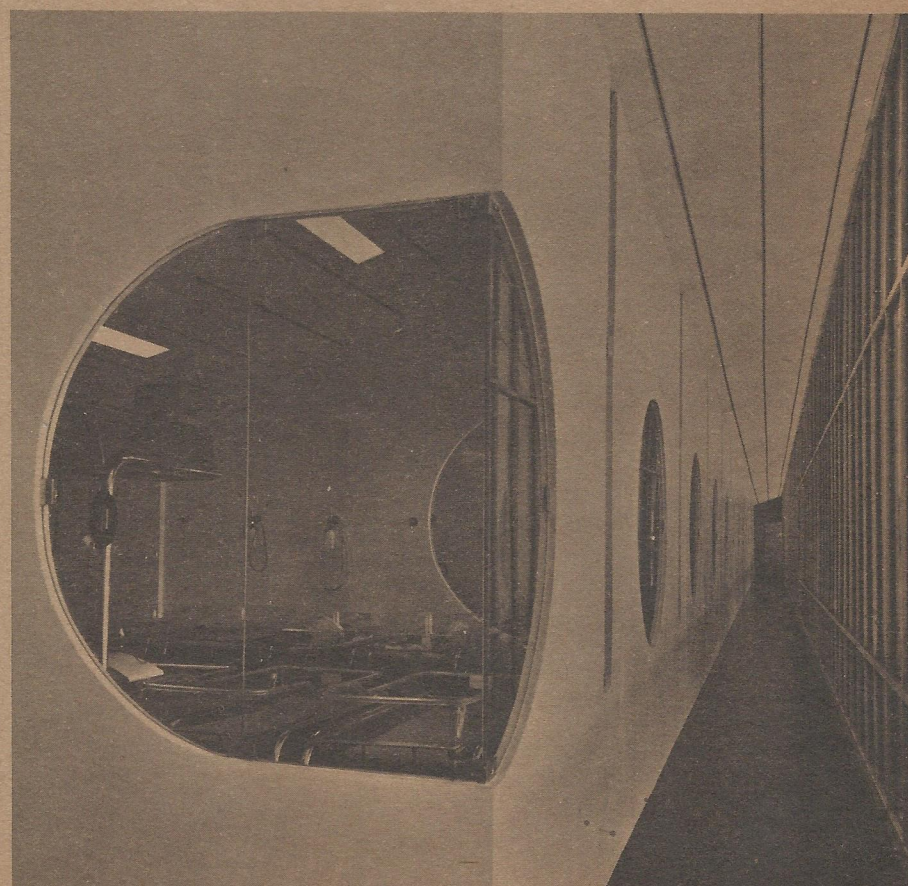
Brasil 2103, um projeto para São Paulo

Segundo o professor Celso Amaral — que apresentará os objetivos do Projeto Brasil 2103 durante a mesa redonda —, "sua implantação vem reforçar ainda mais a preocupação do governo do Estado de São Paulo com os problemas da poluição, em consonância com as metas do governo federal de proporcionar aos brasileiros o bem-estar físico e mental". O projeto facilitará o intercâmbio dos técnicos nacionais e estrangeiros, as pesquisas prioritárias a serem desenhadas e o fornecimento de aparelhagem, assistindo o governo no desenvolvimento de um programa de controle de poluição ambiental para o Estado de São Paulo. O Brasil 2103 fornecerá dados essenciais de know-how a outras entidades brasileiras na área de abastecimento de água, saneamento e energia. "Trata-se de um grande passo para minimizar a carga poluidora e o ambiente será focado como um todo, procurando salvaguardar as comunidades bióticas e os ecossistemas, dando uma visão ecológica, mas prática, do problema", concluiu o professor Celso Amaral.

Para o diretor do projeto, "a Bienal, escolhendo como tema 'O Ambiente que o Homem Organiza', provocará grandes debates, numa época em que o controle ambiental é assunto de maior interesse, diretamente ligado a outros temas, como o desenvolvimento industrial brasileiro, as áreas metropolitanas e o controle da poluição".



Eólo Maia — Condomínio Tinguá (BH)

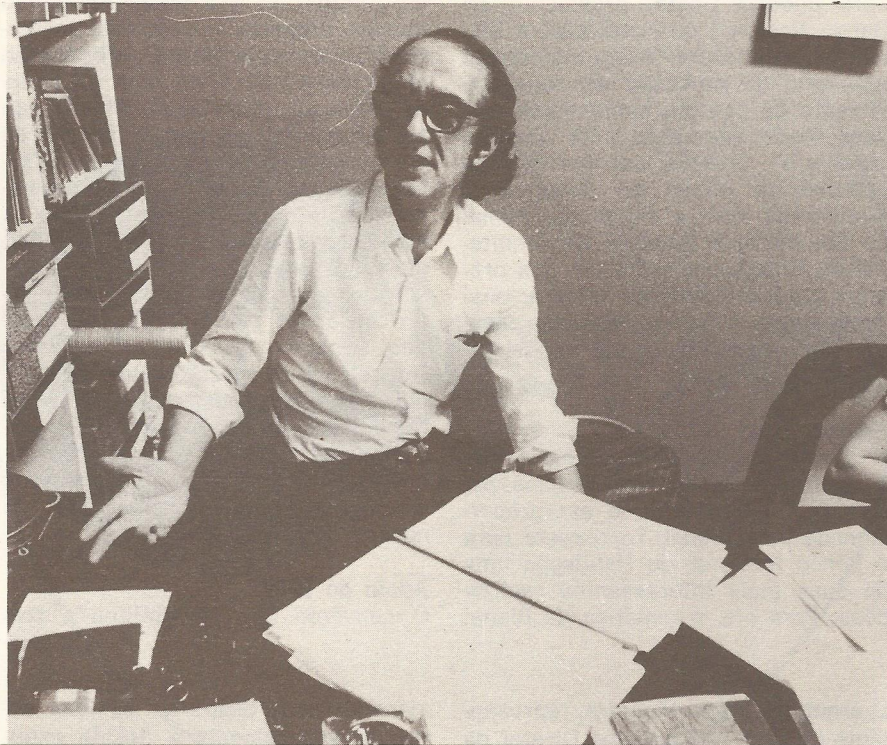


Siegbert Zabetini — Hospital Vila Nova Cachoeirinha



**Está aberta a
Bienal Internacional de Arquitetura**

Dois presidentes falam da Bienal, com entusiasmo



Oswaldo Corrêa Gonçalves, coordenador da mostra de Arquitetura na Bienal de Artes Plásticas durante quase 20 anos, vê realizar-se um velho sonho: a Bienal de Arquitetura.



Nos dias que antecederam a mostra, cada detalhe do projeto foi discutido, com os expositores.

Até 1971, todos os trabalhos que os arquitetos brasileiros conseguiram expor ficaram confinados numa quarta parte de toda a área destinada à Bienal de Artes Plásticas. A partir deste ano — de 8 de junho a 7 de julho —, em São Paulo, não só os brasileiros, mas todos os grandes nomes da arquitetura mundial, poderão usar, com exclusividade, pela primeira vez, todo o espaço de uma exposição: a I Bienal Internacional de Arquitetura.

Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, prevê: "A Bienal de Arquitetura será um sucesso, tanto no Brasil quanto no exterior. O interesse que ela vem despertando em todo o mundo ultrapassou todas as expectativas. Está começando uma verdadeira competição entre a escola nacional, já projetada fora daqui, e as escolas internacionais".

Os argumentos usados para confir-

mar essas boas perspectivas podem ir desde o número (elevado) de inscrições recebidas, até nomes famosos que já garantiram suas participações: Pier Luigi Nervi, Edoardo Ceretto, Grazia Duprà, Vittorio Gallo e Andrea Mascardi (Itália); Rafael Leoz (Espanha); Jorge Rueda Gutierrez (Colômbia); Alvar Aalto (Finlândia); Atelier d'Urbanisme et Architecture (França); Oscar Niemeyer, Villanova Artigas e Burle Marx (Brasil).

A Bienal de Arquitetura de São Paulo resultou de um acordo estabelecido pelo Ministério do Interior, entre o Banco Nacional da Habitação, a Fundação Bienal de São Paulo e o Instituto dos Arquitetos do Brasil, e é dirigida por um conselho formado por um representante de cada uma dessas três instituições.

Órgãos estaduais e regionais, os governos Federal e Estadual e a Prefeitura de São Paulo vão mostrar seus

projetos e programas de obras. Projetos como os da Transamazônica e dos metrô de São Paulo e do Rio vão aparecer ao lado dos melhores trabalhos das escolas internacionais de arquitetura. Vários governos estrangeiros, além de organizações culturais de todo o mundo (UNESCO, UIA, OMS), também prometeram participar.

O tema central da I Bienal de Arquitetura Internacional será "O Ambiente que o Homem Organiza".

O arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente do Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura, vê como objetivo dessa mostra "revelar ao mundo, num determinado instante, um balanço panorâmico das realizações para o ambiente do homem, levadas a efeito por arquitetos e por equipes de projeto onde participam arquitetos, além dos demais profissionais e entidades que atuam com esse objetivo".

Os problemas encontrados para a realização da Bienal, segundo Oswaldo Correa, aconteceram "por tratar-se do primeiro certame dessa natureza. Por isso, aqueles que devem participar ainda não têm uma compreensão imediata do assunto, ficando demorada a sensibilização para a sua participação. E nesse sentido, os problemas variam, indo desde o material humano, até a forma de apresentar os trabalhos".

A importância desta Bienal para os arquitetos vai ser conhecida durante o seu desenvolvimento, diz Oswaldo. "Mas já é possível prever que ela terá um alto significado, porque não será apenas uma exibição de projetos, mas também uma importante troca de informações e experiências entre as pessoas que participarem, de uma forma ou de outra." Ele lembra, também, os seminários e simpósios que estão marcados, que servirão, inclusive, como elemento de avaliação do significado da Bienal para os arquitetos.

Com relação às adesões do exterior, Oswaldo não está dando importância ao número de países participantes — 22 no total — "mas à quantidade e à qualidade dos projetos apresentados. E o que nos interessa, também, são os profissionais que participam da Bienal, independente do país em que trabalham".

Para o arquiteto brasileiro, o presidente da Bienal diz que a importância está no fato "dessa mostra, se realizando no Brasil, criar maiores facilidades para que eles tenham em sua casa esse cenário mundial das realizações e a discussão e o balanço crítico, que certamente ocorrerão. Isso ensinará a nós, arquitetos brasileiros, uma oportunidade a mais para enriquecer o conhecimento das coisas que se realizam em relação ao ambiente que o homem organiza". Ele destaca, ainda, o papel que a Bienal poderá ter na afirmação profissional do arquiteto, pois está "voltada para o projeto e o relevo que ela dá aos seus autores se constitui em mais um passo nesse sentido".

A participação do BNH na mostra internacional

Para Rubens Costa, presidente do Banco Nacional da Habitação, a Bienal de Arquitetura "é um importante momento do processo de desenvolvimento da política habitacional que vem sendo executada pelo governo brasileiro". O BNH, um dos patrocinadores da Bienal de Arquitetura, juntamente com a Fundação Bienal de São Paulo e Instituto de Arquitetos do Brasil, oferecerá um dos prêmios para a exposição internacional de projetos e mostrará suas recentes experiências no setor de habitação popular.

Espaço físico

O presidente do BNH acredita que a confrontação de experiências nacionais e do exterior, a ser proporcionada pela Bienal, representa para o Banco Nacional da Habitação uma de suas mais interessantes realizações. Para ele, a temática da Bienal

O arquiteto Mário Pinheiro, representante do BNH no Conselho Diretor da Bienal, acha que o papel do Banco nessa exposição é mais o de dar a necessária cobertura. O interesse do BNH em ver a Bienal realizada é explicado por Mário Pinheiro como estando muito ligado ao tema "O Ambiente que o Homem Organiza", porque, segundo ele, "o BNH, como grande agente financeiro das áreas urbanas, e de acordo com o tema, espera que existam projetos e planos para que os seus objetivos sejam atingidos".

A importância da Bienal em si está no fato de ela "vir caracterizar de público, pela primeira vez, as várias formas de atuação do profissional em arquitetura". Mário Pinheiro lembra da antiga mostra, que, feita como uma parte da Bienal de Artes Plásticas, "tendia a levar o arquiteto a uma desvinculação cada vez maior com a realidade profissional".

Desvinculação

Mário Pinheiro percebe que essa de-

O engenheiro Eliseu Resende, presidente do DNER, entidade que participa da Bienal de Arquitetura expondo algumas de suas principais obras, como a Transamazônica e a Perimetral Norte, acredita que estão reservadas para o arquiteto tarefas da maior importância naquilo que ele chamou de "verdadeira explosão rodoviária que ocorre no país". Eliseu Resende entende que o trabalho dos arquitetos com relação à rodovias não deve ser somente o de "embelezá-las", mas também o de integrar as equipes multidisciplinares que as projetam.

A participação do arquiteto no projeto de estradas de rodagem se limitava à realização de obras colaterais, como edifícios da administração rodoviária, instalações de apoio

de Arquitetura ("o ambiente que o homem organiza") traduz de maneira extremamente feliz a preocupação atual não só do BNH, mas de todas as entidades públicas e privadas que se defrontam hoje com o desafio do crescimento urbano brasileiro: "Compreender a arquitetura como organização do espaço físico necessário às atividades do homem, abrangendo desde o projeto de um simples ambiente residencial (arquitetura de interior) até a organização dos grandes espaços urbanos e regionais (planejamento físico-territorial), coincide com o pensamento do Banco Nacional da Habitação, que vem realizando esforços no sentido de atender a toda a gama de financiamentos demandados pelo crescimento de nossas cidades".

Apoio do BNH

O convênio que possibilitou a rea-

claração pode despertar dúvidas entre os profissionais e decide explicá-la melhor: "Acontece que os arquitetos se formam baseados nos modelos de Lúcio, de Oscar, de Artigas e dos grandes expoentes da profissão. Esse tipo de atuação, no entanto, é reservado a uma pequena parte dos profissionais, uma porcentagem mínima que a sociedade ainda pode consumir. Mas o que a sociedade realmente precisa é de profissionais para funcionar dentro dos grupos interdisciplinares, que são as entidades oficiais e as empresas privadas".

Ele reconhece que nessa área as restrições são maiores, mas acha que a participação do arquiteto é fundamental porque esse campo está muito bem servido de técnicos, faltando, porém, um profissional com uma formação humanista, como é o arquiteto: "Ele tenderá a chamar a atenção para valores sociais e culturais, que não é uma preocupação de profissionais de atuação específica".

ao usuário, equipamentos de lazer e repouso do viajante, além da humanização das rodovias. A dicotomia entre arte e técnica, herança cultural de épocas passadas, interditava ao arquiteto participar do projeto da rodovia como tal. Mesmo no que dizia respeito a paisagismo, antes considerado obra complementar, sinônimo de coisa supérflua, com conotação sentimental, havia nítida distinção entre o projeto de engenharia e o "embelezamento" posterior.

Eliseu Resende esclareceu que hoje o DNER visualiza as rodovias buscando a harmoniosa adaptação da estrada ao terreno, com o aproveitamento dos cenários naturais ou criados pelo homem. Além de requerer a contri-

lização da Bienal de Arquitetura significa para Rubens Costa a maturidade de um processo iniciado com o apoio que o BNH, o IAB e a Fundação Bienal de São Paulo, isoladamente, sempre deram às mostras de arquitetura: "Entendendo a arquitetura como um dos aspectos básicos da problemática habitacional do país, o BNH procurou desde os primeiros momentos colaborar com as Bienais, do que é exemplo marcante o concurso de escolas de arquitetura, buscando estimular a pesquisa de novas propostas arquitetônicas para a solução de seus conjuntos residenciais. Agora, concluiu, "a Bienal de Arquitetura proporcionará a seus visitantes uma visão panorâmica do quanto se vem fazendo e do quanto se tem a fazer pela organização racional do habitat do homem brasileiro".

Mudar posições

Mário Pinheiro acredita, em função disso, que chegou o momento do arquiteto repensar a forma de atuação profissional, levando esse tipo de preocupação até as escolas, "que se ressentem de uma maior objetivação".

A seu ver, a grande importância desta Bienal de Arquitetura não é só levar uma mensagem ao grande público e ao exterior, mas, principalmente, "propiciar a nós, arquitetos e estudantes de arquitetura, uma reflexão sobre o quadro que está a nossa frente". Mário Pinheiro acrescenta que tem visto "todas aquelas nossas teses serem incorporadas pelo governo", mas que não tem havido uma resposta à altura dos arquitetos. Pelo contrário, as grandes firmas de consultoria de engenharia, com iniciativas práticas e concretas, estão ameaçando tomar a dianteira num processo em que os principais agentes deveriam ser os profissionais de arquitetura.

buição do arquiteto, chama também o urbanista para resolver os problemas resultantes do binômio cidade-estrada e participar do projeto das vias expressas urbanas.

No entender do superintendente do DNER, a Bienal de Arquitetura — preocupando-se em mostrar os diversos aspectos da ocupação territorial — "é a oportunidade para concluir todos os arquitetos a verem na arquitetura rodoviária um novo campo que se abre à profissão, uma nova e fascinante especialização a merecer profundo estudo, pois a auto-estrada, a via expressa, a ponte, o viaduto, podem ser considerados como realizações representativas da criatividade espacial do nosso tempo".

A atração dos arquitetos no processo urbano

Maior participação para o arquiteto no sistema rodoviário

Algumas análises sobre a importância desta mostra

"Esta Bienal é um grande instrumento de divulgação e promoção da arquitetura brasileira e, conseqüentemente, um meio de valorização do profissional e de abertura do mercado de trabalho para projetos."

O entusiasmo de Peter José Schweitzer, presidente do Sindicato dos Arquitetos na Guanabara, não admite qualquer omissão em relação à Bienal de Arquitetura. De quem quer que seja:

"Para o arquiteto, a Bienal será sempre o ponto de encontro com as experiências de projetos e trabalhos de composição de outros profissionais, o que o leva a procurar novas concepções para atender às exigências da sua sociedade e do seu tempo. Para o público, a Bienal vai mostrar o esforço de pesquisa e concepção que está se fazendo no país."

Para Schweitzer, a Bienal deve se deslocar por todo o país. Ela é sempre um acontecimento importante, mesmo se encarada como um simples concurso universitário:

"A Bienal cria um ambiente de trabalho e pesquisa nas universidades, incentivando a realização de trabalhos em equipe. A disputa pela qualidade na concepção leva os estudantes a uma avaliação das reais condições do futuro exercício profissional."

A análise menos apaixonada que o presidente do Sindicato da Guanabara fizer da Bienal sempre soará como um aplauso estridente. Exemplo: "Quanto ao tema 'O Ambiente que o Homem Organiza', não poderia ser mais oportuno. Numa época em que

poluição, urbanização, destruição e construção se confundem, é fundamental investigar as causas e as reações, para poder preparar o futuro com decisões tomadas hoje."

A realização de uma exposição internacional de projetos e a proposição de uma tribuna para o debate do "Ambiente que o Homem Organiza" têm para os arquitetos o significado de um balanço oportuno do avanço de suas atividades profissionais.

Diferentemente das mostras anteriores, a arquitetura apresenta-se individualizada, destacada das artes plásticas onde se vinha situando até há pouco no Brasil. Sem prescindir dos aspectos artísticos em suas realizações, os arquitetos se apresentam como profissionais da edificação, do urbanismo, do objeto (desenho industrial) e da comunicação visual (mensagem).

Capacitação profissional

Este é o depoimento de Alfredo Paesani:

Para o Sindicato dos Arquitetos de São Paulo, a Bienal de Arquitetura é a afirmação viva de sua capacitação profissional e a oportunidade de demonstração de que ainda é restrita sua participação no trato dos problemas relativos à paisagem, à reformulação dos espaços urbanos, aos novos acessos da ocupação territorial, ao desenho dos objetos. A Bienal de Arquitetura certamente surpreenderá alguns pela extensão e profundidade da atuação profissional dos arquitetos, a qual, apesar do seu crescimento e diversificação, está muito aquém da potencialidade de

trabalho e experiência acumulada. O Sindicato confia em que o balanço crítico que a Bienal de Arquitetura realizará será muito útil para motivar os poderes públicos e a sociedade em geral a demandarem dos arquitetos o total de sua força de trabalho, com o que eles poderão ampliar sua contribuição ao desenvolvimento nacional.

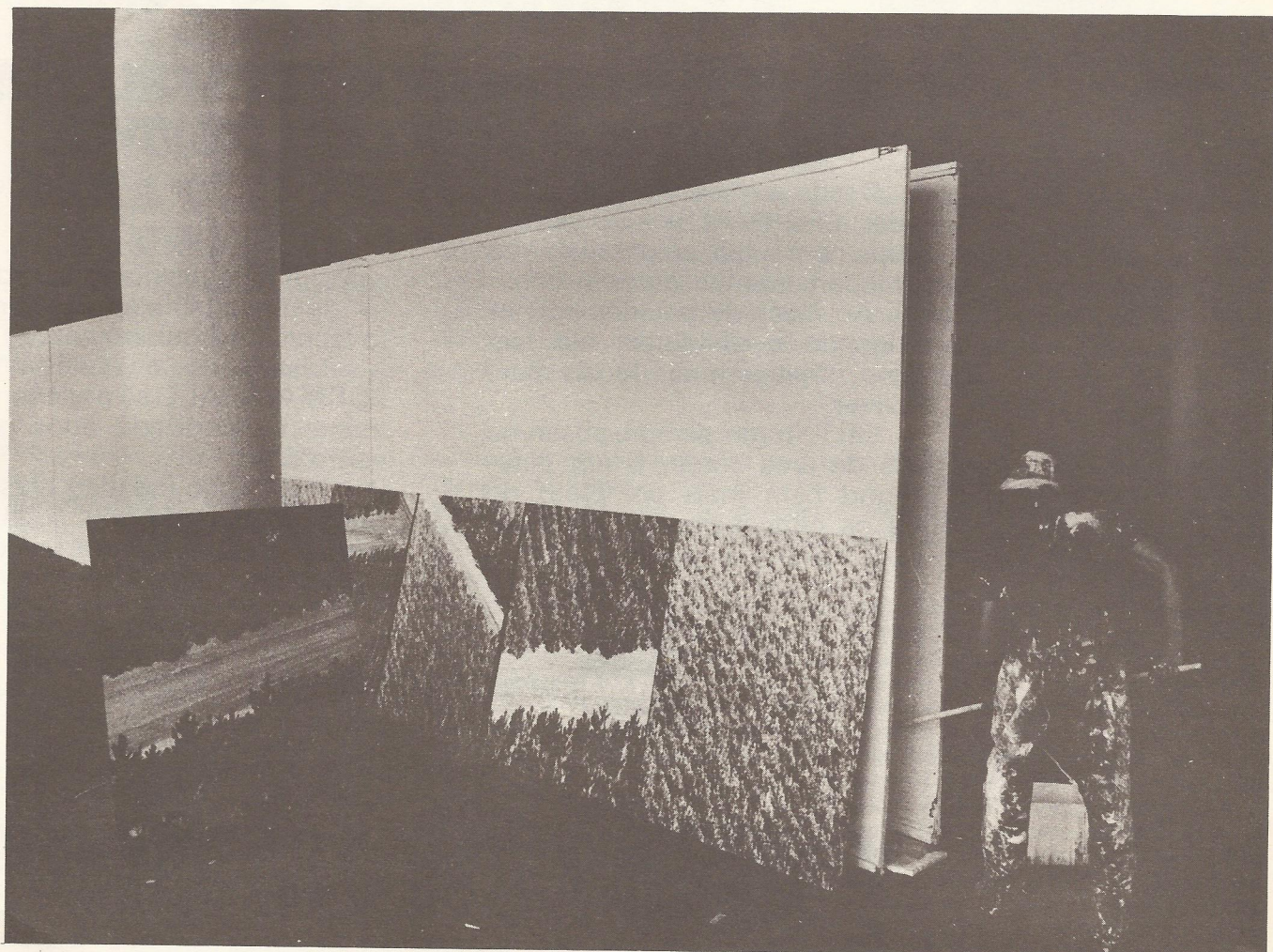
A imaginação artística

O depoimento de Paulo Mendes da Rocha:

Em um dos mais belos edifícios do mundo, equivalente em área à metade da Avenida Paulista, destinado à manifestações artísticas, exposições de arte, — o prédio da Fundação Bienal —, se fará uma amostragem dos trabalhos que intervêm para organizar nossa paisagem.

Na Bienal de arquitetura deste ano, estarão expostos projetos de jardins, ruas, sistemas de transportes, casas, escolas, vestuários de atualização do nosso patrimônio artístico, histórico, de reflorestamento, de desenho de objetos...

O próprio recinto, amplo passeio por lajes, rampas e patamares que se sucedem, urbanisticamente desenhados, abertos, também, para a paisagem, jardins de Burle Marx (maltratados) é um trabalho que se exhibe, com sua marcada intenção de "ampliar e adensar as relações sociais". Esse encontro reafirma a convicção, em nosso meio, que diz, nas escolas, nos projetos, ser a imaginação artística, a invenção, o caminho da arquitetura, capaz de sintetizar o desejo incontrolável de progresso e o



conhecimento científico e técnico tão amplo, diversificado e traiçoeiro, quando desorganizados.

Os mais interessantes artistas de nosso tempo, vêm sendo os Latino-americanos. Na literatura, nas artes visuais, na arquitetura. São os navegantes do século XX desvendando um — ainda — novo continente.

Entre o conhecer e o que fazer, fica o espaço destinado ao projeto. Aprendemos que a natureza só pode ser tocada pelo gesto criador, que não a destrói, mas acrescenta-lhe uma dimensão humana.

A construção não nos interessa se não quando estruturada, rigorosamente, no seu evidente sentido de significado social, contemporâneo.

São Paulo, que vê a urgência em desenhar sua cidade, fará da Bienal de Arquitetura um espetáculo de trabalho, altamente informativo, que se repetirá, enriquecido cada vez mais pela experiência do nosso trabalho.

O mais importante, nas ruas

“Não podemos esperar que a organização de uma primeira exposição não apresente falhas. Inevitavelmente elas existirão, e esse é o preço que a I Bienal terá que pagar.”

O arquiteto João Ricardo Serran, presidente do IAB/GB, não acredita que a organização seja o problema mais grave da I Bienal Internacional de Arquitetura. Afinal de contas a Fundação Bienal de São Paulo, o BNH e o IAB têm condição de apresentar uma boa exposição. A organização é só um dos complicados aspectos de um empreendimento desse tipo.

O que dizer, por exemplo, da repercussão internacional dos trabalhos expostos?

Ainda é cedo para avaliar a repercussão que a I Bienal Internacional de Arquitetura terá no exterior. Com os dados disponíveis e fundamentado no que entendo por arquitetura brasileira e exposições sobre a matéria, quando muito, posso levantar algumas hipóteses.

Inicialmente devemos considerar que a organização de uma exposição de âmbito internacional é muito complexa e sua repercussão depende de um sem-número de fatores. Desde a organização propriamente dita, até o nível das proposições apresentadas, todo um conjunto de aspectos que pode resultar em boa ou má repercussão internacional.

Evidentemente não esperamos que a organização de uma primeira exposição não apresente falhas. Inevitavelmente elas existirão e esse é o preço que a I Bienal terá de pagar. O problema, no entanto, não está seguramente na organização dessa mostra. A experiência da Fundação Bienal de São Paulo e o apoio do BNH, certamente, darão a cobertura necessária ao IAB para que tudo corra adequadamente.

Quanto à repercussão decorrente dos trabalhos a serem expostos, não espero que as proposições brasileiras venham a mudar para melhor a imagem que o mundo tem da arquitetura que realizamos. Creio mesmo que, em certas condições, a mostra poderá revelar um retrocesso, se comparada com as do passado. Afinal de contas, o que se fez de im-

portante no Brasil depois do advento de Brasília, há dez anos passados? É certo que algumas obras de qualidade foram concebidas e, até mesmo, executadas. Mas é igualmente certo afirmar-se que o conjunto das melhores obras produzidas na década dos 60 não tem o mesmo poder de impacto que tiveram os conjuntos dos anos 30 e 40, para não comparar com o impacto produzido no mundo pelo conjunto urbanístico-arquitetônico da nova capital dos anos 50.

Com muita boa vontade, posso admitir que estamos vivendo uma fase de transição em nossa arquitetura. Isso, pelo menos é no que acredita uma parcela dos arquitetos, para justificar a situação atual. Na verdade, tendo a crer que estamos em pleno processo de recuo nas conquistas das décadas anteriores. Nunca se desrespeitou tanto a arquitetura como nos dias atuais e, paradoxalmente, nunca o País construiu tanto, como hoje em dia.

Ainda que eu não conheça o que se vai apresentar em nome da arquitetura brasileira nessa I Bienal, sou levado a crer que não será um panorama real do que se vem construindo no País. A se repetir experiências anteriores, a tendência será expor alguns tantos projetos de boa qualidade, que foram dispersados no caos urbano que caracteriza a maioria de nossas atuais cidades.

Isto porque a maioria dos brasileiros continua a associar a idéia de arquitetura à estética dos edifícios, quando não, apenas ao trabalho de arquitetos. Daí, uma exposição de boa

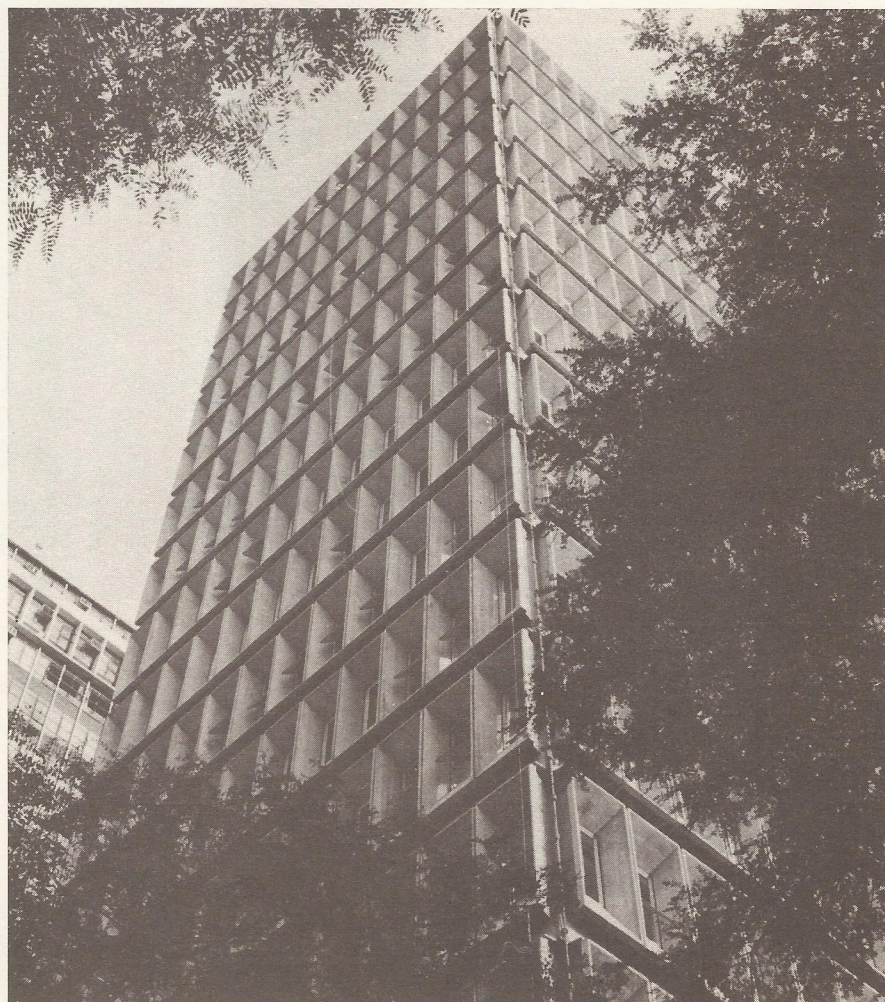
arquitetura apresentar, apenas, uns tantos projetos de boa qualidade.

Mas, se entendêssemos que a arquitetura está implícita a todo e qualquer edifício construído e seu entorno, bom ou mau, projetado por arquiteto ou curioso, assim como as cidades resultantes de sua justaposição, então, uma mostra de arquitetura seria algo bem diverso do que estamos acostumados a apreciar. Dentro dessa outra perspectiva, a I Bienal revelaria uma realidade bem diversa da imagem produzida por uma centena de bons projetos. Teríamos ocasião de ver cidades com um crescimento acelerado sem plano de qualquer espécie, seriam apresentados com destaque os problemas decorrentes deste **non sense** urbanístico, como os aglomerados subnormais e os conjuntos habitacionais que dão a marca dos tempos na maioria de nossas grandes cidades. Até que ponto isso seria bom ou mau para a imagem externa de nossa arquitetura é uma pergunta cuja resposta depende do ponto de vista do observador. Entendo que seria altamente positivo para a busca de novos caminhos, principalmente, que se conseguisse sensibilizar as autoridades brasileiras, o que considero, deveria ser, o objetivo principal dessa I Bienal.

De uma forma ou de outra, acredito que a I Bienal Internacional de Arquitetura deverá revelar essa situação. É quase certo que os visitantes estrangeiros não ficarão insensíveis à cidade de São Paulo, oportuno exemplo de nossa arquitetura contemporânea, no sentido nato da palavra.



Wolfgang Schoedon — Desenho industrial



Sidônio Porto — edifício para escritórios

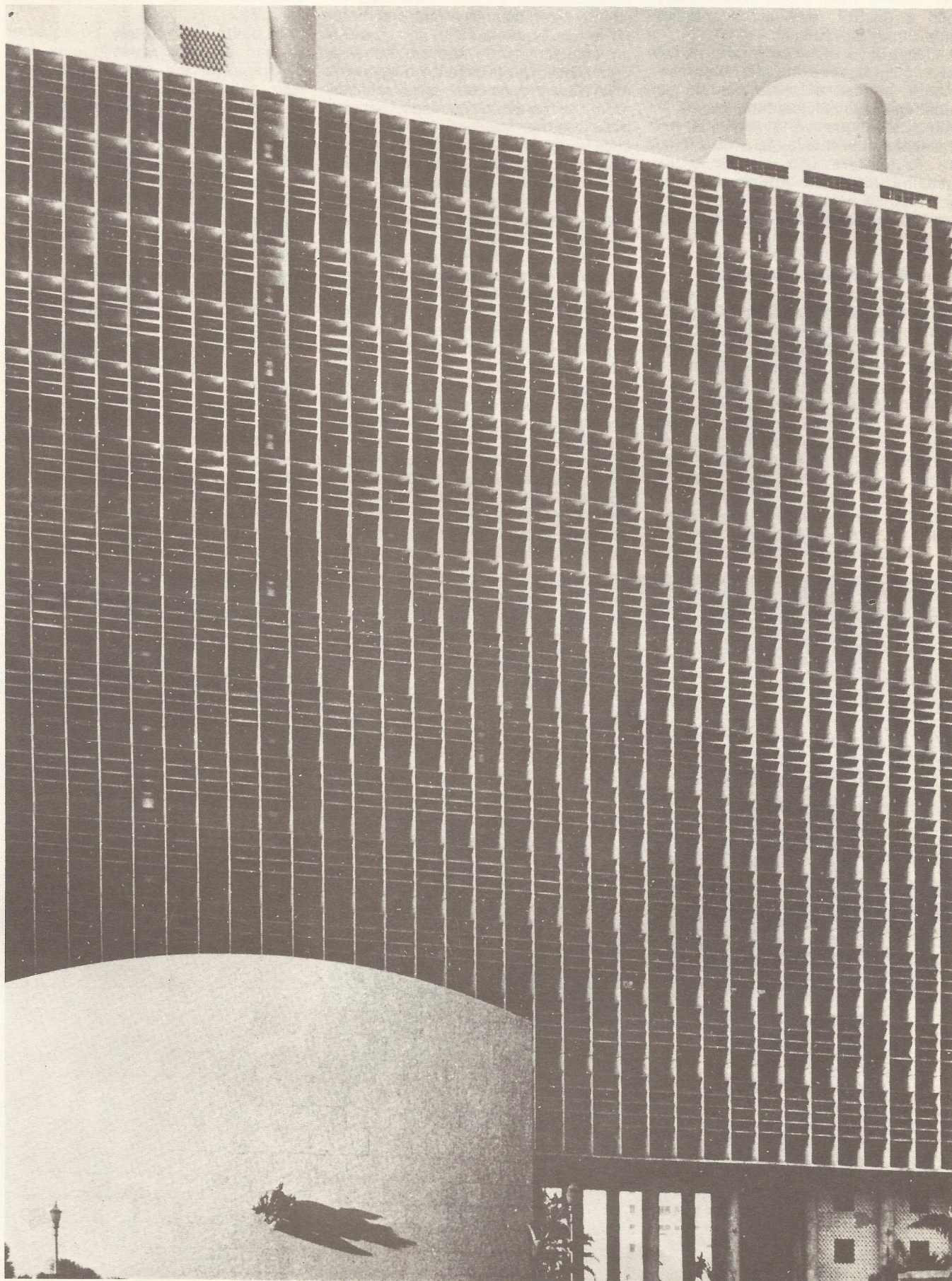
Nas salas especiais, muito mais que homenagens

A Bienal terá uma exposição de abertura, que pretende ser a síntese do pensamento arquitetônico, representado não apenas pelos arquitetos, como por toda a intelectualidade; um roteiro histórico e geográfico dos comportamentos no processo da ocupação do território brasileiro. É inspirado em Capistrano de Abreu, historiador do século passado, que constatou que "no Brasil a ocupação é a história dos caminhos".

As salas especiais — Lúcio Costa, Burle Marx, Villanova Artigas, Joaquim Cardozo, IPHAN e IBDF —, segundo Júlio Katinsky, secretário executivo da Bienal, "se justificam pelo destaque da contribuição pessoal para a formação de um ideário, de um instrumental capaz de permitir uma aproximação mais justa com os problemas que nos perturbam e com as possibilidades de solução que se abrem".

Diz ele que não se trata de homenagens monumentais, mas de um justo destaque para os dados que usaremos daqui para a frente. Ninguém vai copiar ninguém, mas estamos amparados e orientados por esses que terão suas salas especiais, para poder resolver problemas que podem ser resolvidos".

A sala de **Lúcio Costa** se justifica, apesar de ele ter sua importância já reconhecida, pela tomada de cons-



ciência da cultura moderna, dos efeitos da Revolução Industrial e suas repercussões em todos os campos da atividade humana. Diz Katinsky que a história da arquitetura não se faz só sobre as obras, mas também sobre os projetos não realizados. Por isso, constarão da exposição de Lúcio Costa alguns de seus projetos que não foram executados.

A mostra de **Burle Marx** será o conjunto de seu trabalho como paisa-

gista, levando-se em consideração que ele foi discípulo de Lúcio Costa, além de seu amigo pessoal. Júlio Katinsky destaca no trabalho de Burle Marx a "fixação do problema dos grupos humanos em relação à natureza. E nisso ele pode ser considerado um precursor, pois foi quem colocou a importância da paisagem na arte moderna".

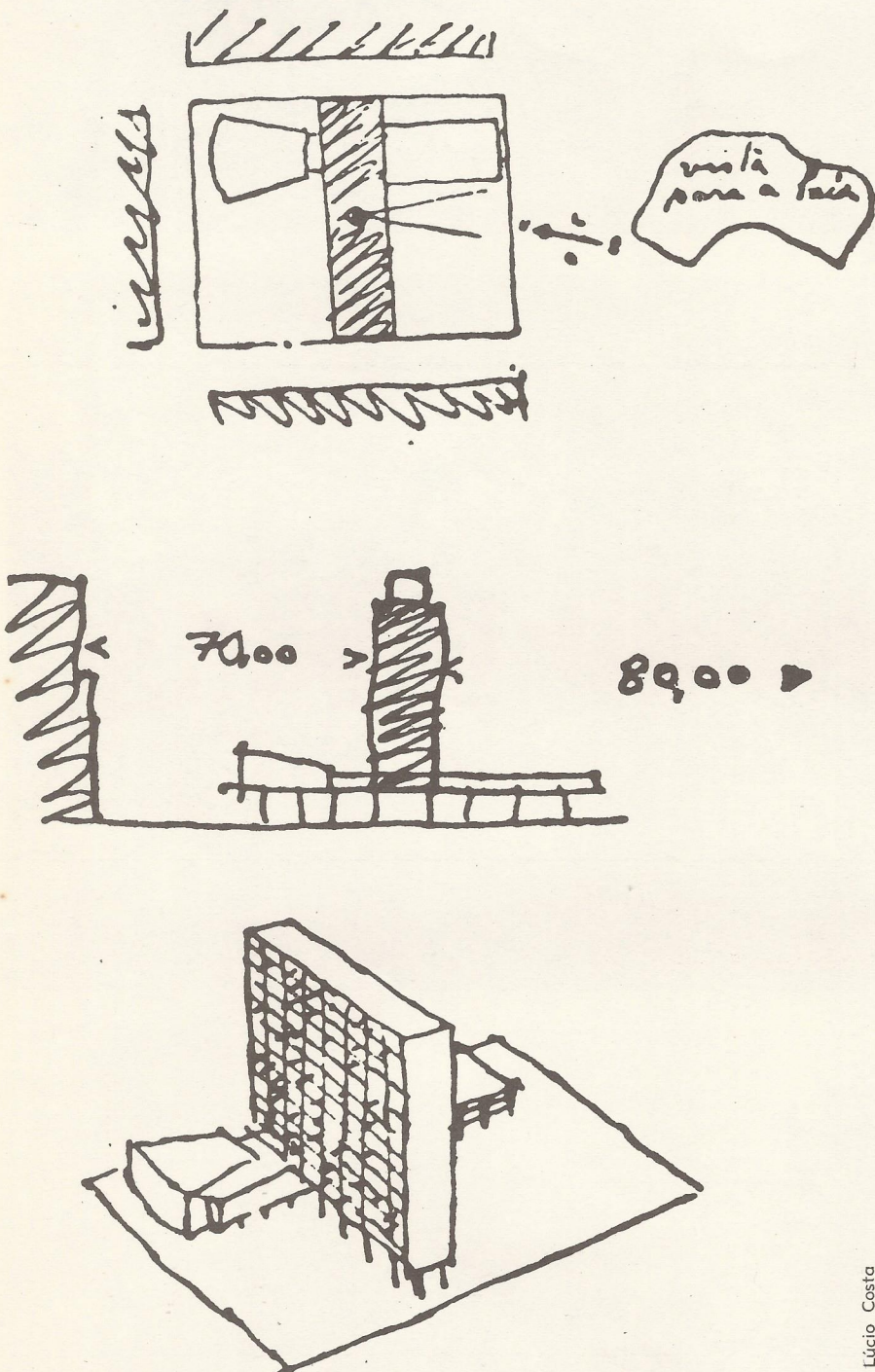
Villanova Artigas tem uma sala especial porque foi "o primeiro grande

educador em arquitetura, além de ter participação na criação de escolas, como a FAU/USP". Katinsky lembra que "ele formou uma geração inteira de arquitetos e que só pode ter feito o que fez porque é um grande arquiteto, porque teve um pensamento muito mais flexível do que seus próprios mestres".

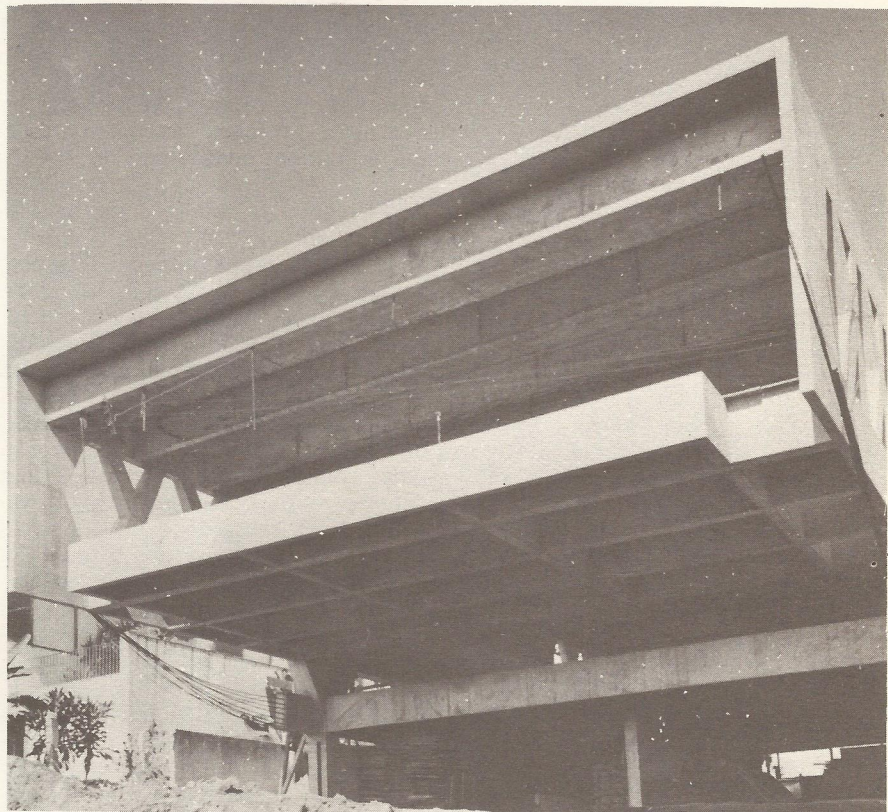
No trabalho de **Joaquim Cardozo** está, para Katinsky, o "caminho provável para o homem contemporâneo:

a união da poesia e da tecnologia em nosso viver cotidiano".

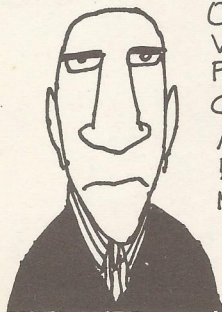
No conjunto de painéis do **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** será mostrada a "permanente relação entre presente e passado na reconstituição dos valores arquitetônicos e artísticos". Os objetos arquitetônicos estão entregues ao tempo, diz Katinsky, daí a importância do trabalho de conservação e restauração do IPHAN.



Lúcio Costa



Villanova Artigas — residência



A INVEJA DEU UM OBJETIVO À MINHA VIDA. UM MOTIVO PARA LUTAR E A CHANCE DE CHEGAR AO APÍCE. SE NÃO FOSSE INVEJOSO NÃO SERIA POTENTE



E NÃO SERIA INVEJADO POR OUTROS, CUJO OBJETIVO É LUTAR COMIGO PARA CHEGAREM AO APÍCE. ACREDITE NA INVEJA. FAZ FUNCIONAR O SISTEMA.

FEIFFER ESTÁ NO

Grilo

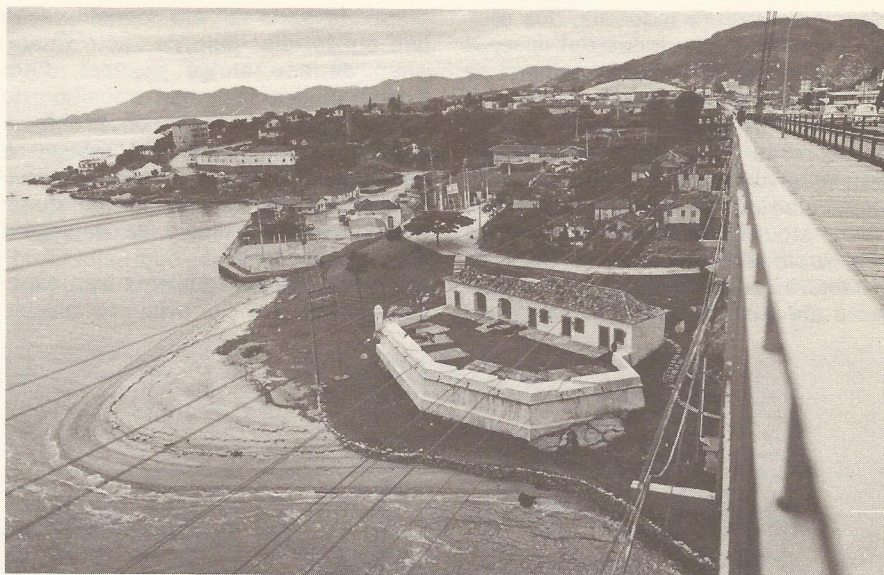
TODAS AS QUINZENAS EM TODAS AS BANCAS

O velho e o novo, num processo contínuo

O professor Luís Saia explica neste depoimento a importância do trabalho do IPHAN.

Uma das tarefas centrais da arquitetura moderna e talvez do próprio homem moderno é encontrar os termos de convivência de herança positiva do passado com as pretensões e valores impostos à dignidade humana pelas experiências negativas desse próprio passado. Perante tal responsabilidade, a condição de especialista do arquiteto restaurador é admissível somente quando complementar uma formação bastante satisfatória; tanto que lhe impeça se converter em mero executor de tarefas primárias, destituídas de significado... arquitetônico. A exigência de "tirocínio de obras e de familiaridade com os processos construtivos antigos, sensibilidade artística, conhecimentos históricos, acuidade investigadora, capacidade de organização, iniciativa e comando e, finalmente, desprendimento", apontados por Lúcio Costa como necessários para quem trabalhe nessa faixa de atividade profissional, não dispensa uma sólida formação inicial. Nem sempre — ou quase nunca — o trabalho de restauração exaure a participação do arquiteto, posto que, frequentemente, lhe são propostos problemas de preservação de ambiência e de obras complementares destinadas à valorização do monumento e seu uso, necessárias a fim de que o mesmo se legitime, superando as aparentes contradições que pretendem opor épocas diferentes, como se fossem inconciliáveis ou se negassem mutuamente. A modernidade — instrumentos, materiais, processos e soluções — constituem meios operativos de proteção, preservação e consolidação dos monumentos, quer na sua compleição individual, quer nos arranjos que lhes permitam sobrevivência e uso adequados na vida moderna.

Os 35 anos de experiência do IPHAN contaram com a participação de arquitetos brasileiros que não possuíam nenhuma formação especializada em restauração, mas cujo conhecimento da arquitetura, permanentemente atualizado pelo estudo do tradicional e do contemporâneo, conduziu esse trabalho a um nível de profundo respeito pelos documentos do passado e de inegável atualidade na sua formulação cultural. Não houve apenas coincidência no fato de arquitetos de vanguarda estarem na condução dos problemas de proteção do nosso acervo tradicional. Ao contrário, esse fato permitiu que o IPHAN encontrasse uma orientação correta: a valorizar o antigo, imune aos vícios de um saudosismo doentio e de uma simplória política de salvados do incêndio.



Forte de Santana — século XVII



Casa do Sítio do Padre Inácio — Cotia SP — fim do século XVII



Ruínas da Missão de São Miguel — RS — século XVII

A criatividade no trabalho dos estudantes

A Exposição Internacional de Escolas de Arquitetura, conforme está definido em seu regulamento, terá como objetivo incentivar a análise, a discussão e a avaliação de métodos de ensino, conceitos didáticos e processos metodológicos do projeto. Isso será feito através do confronto de idéias e propostas de ensino de arquitetura e sua aplicação configurada num projeto de espaço físico.

As escolas participantes estarão concorrendo ao prêmio Governador do Estado — medalha de ouro e Cr\$ 25.000,00 — e ao prêmio Prefeito Municipal de São Paulo — medalha de prata e Cr\$ 15.000,00.

Entre os projetos enviados pelas escolas brasileiras para a Bienal, estão os seguintes:

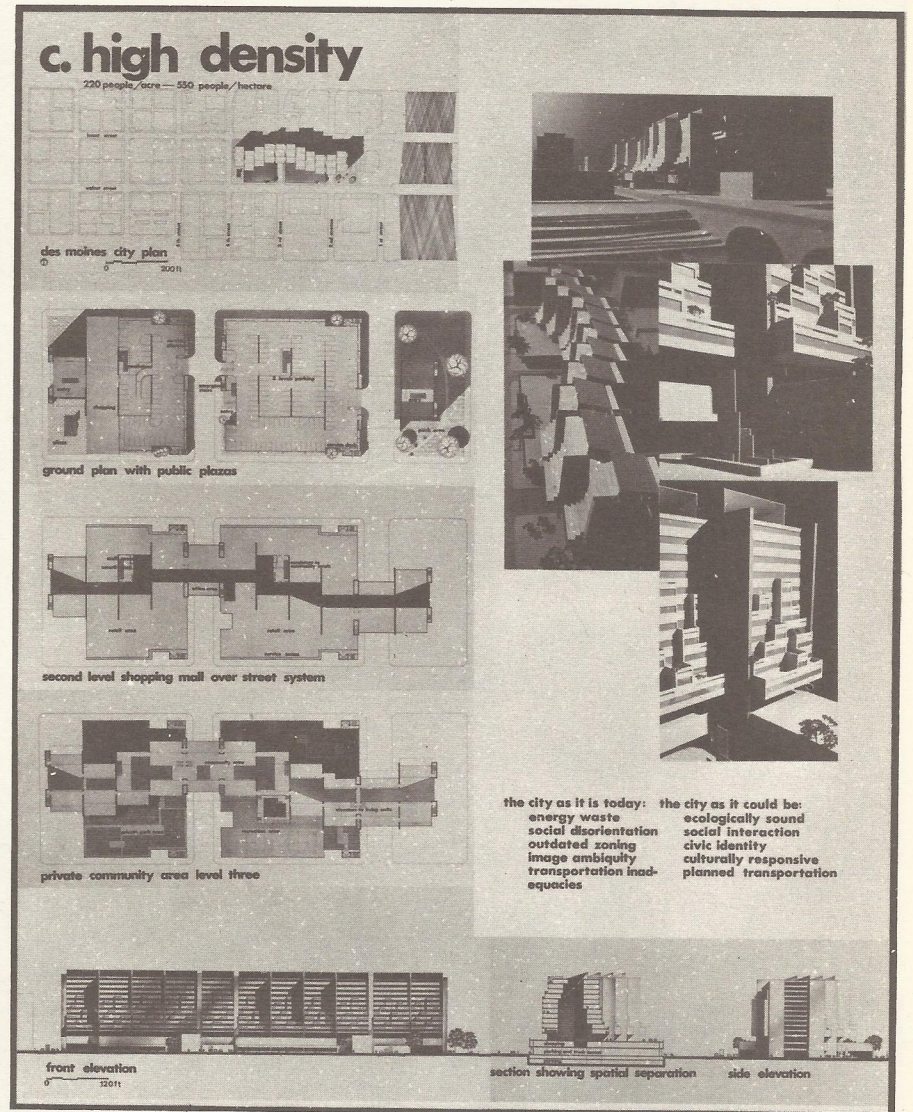
Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco — Os alunos dessa escola apresentam um trabalho, ao qual deram o nome de "Processo de Organização do Espaço Metropolitano de Recife". No texto que acompanha o projeto, os alunos explicam que "não se pode conceber a paisagem que o homem organiza como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos em que os próprios conceitos passam por uma série ininterrupta de transformações".

Mais adiante eles dizem que "da desordem inicial, construção de uma ordem como sistema de probabilidades. Deste sistema, e sem voltar atrás, introdução de elementos de desordem que estabeleçam uma tensão dialética com a ordem que lhe serve de base".

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Paraná — Título do projeto: "Uma Nova Comunidade Urbana no Pinheirinho". Os alunos explicam que esse trabalho "é encarado como um laboratório de pesquisa para a elaboração da estratégia de desenvolvimento da comunidade, que possa adequar o ensino à realidade: nosso nível de atuação". O projeto está dividido em quatro etapas: diagnóstico, prognóstico, proposta e avaliação.

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais — Os alunos dessa escola estarão apresentando uma "Proposta Ambiental para Turismo e Lazer na Pampulha".

Curso de Arquitetura e Urbanismo — Centro Tecnológico da Universidade Federal do Ceará — "Projeto Sobral" — Na justificativa de seu trabalho os alunos explicam que "o laboratório do arquiteto é a cidade. Nela vemos as soluções de ontem, os problemas de hoje. Nela sentimos o espaço urbano e vemos a interferência do fato arquitetônico. Se a cidade não atende o agora, é preciso transformá-la para o amanhã, mas para transformá-la é preciso, antes de tudo, conhecê-la e domá-la". Foi o que eles fizeram com a cidade de Sobral, no interior do Ceará.



O Instituto de Artes e Arquitetura da Universidade Nacional de Brasília traz o projeto Gurupi, Goiás, "uma proposta de intervenção". Apresentam os modelos de análise do espaço urbano e os processos metodológicos.

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, exporá o projeto feito para a cidade de Itapeitinga, em convênio com a prefeitura daquela cidade. O nome do trabalho "Comuniversidade", onde eles procuram "implantar uma mentalidade de planejamento em assuntos de arquitetura e urbanismo".

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, São Paulo, mostra o projeto para um sistema cultural, através da urbanização do bairro da Bela Vista. Outro grupo dessa mesma escola traz a "recolocação e implantação de um novo núcleo no vale do Paraíba".

A FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro exporá o projeto do Centro de Artes, na baixada de Jacarepaguá, uma proposta de criatividade e lazer.

Programa para estudantes
 A Bienal de Arquitetura está reservando horários especiais para visitas de grupos de alunos e professores de escolas e faculdades interessadas em visitar a exposição. As equipes disporão de monitores para cada grupo de vinte alunos e terão acesso gratuito às várias exposições, montadas no Pavilhão da Bienal de São Paulo.

As reservas devem ser feitas através dos telefones 275-4390 e 71-9200, diariamente, a partir das 14 horas. Após a abertura, as solicitações das escolas deverão ser feitas com três dias de antecedência.

O simpósio nacional de escolas de arquitetura

A idéia surgiu com o Encontro Nacional das Escolas de Arquitetura, realizado na Bienal 71. Agora, com uma Bienal de Arquitetura, que vai reunir escolas de todo o Brasil, não poderia ser deixada de lado a chance de enfrentar um "inimigo" comum: o currículo mínimo do MEC. Mas um dos membros da comissão organizadora, o arquiteto Paulo de Mello Bastos, faz questão de lembrar que o Primeiro Simpósio Nacional das Escolas de Arquitetura não se restringe apenas a uma discussão de currículo e atinge objetivos mais importantes.

"Através do material apresentado na exposição das escolas e das teses trazidas pelos participantes, poderemos fazer um balanço e análise das várias propostas didáticas aos cursos das faculdades brasileiras." Esse objetivo, aliás, está também no documento do Conselho Diretor da Bienal, que estabelece como prioridade a "análise, discussão e avaliação das várias experiências, propostas e diretrizes básicas nos diversos cursos", precisando as tendências e avaliando os principais problemas. O simpósio, aberto à participação de

todos, está com início previsto para o dia 2 de julho, e término dia 6. Dia 3, pela manhã, serão formadas as comissões e eleita, em plenário, a mesa diretora e comissão de redação. Na tarde de 3 e manhã de 4, os grupos ficarão reunidos, debatendo para apresentação em plenário intermediário, na tarde do dia 4. A manhã do dia 5 é livre, e os trabalhos recomeçam com mais reuniões, para finalizar na tarde do dia 6, com as principais conclusões colocadas no plenário de encerramento.

"É bem provável que destas discussões saia a proposta de um currículo mínimo atualizado", diz Paulo Bastos. Para ele, as faculdades mudaram muito, o que não aconteceu com o currículo. Apesar de algumas retificações, ele não conseguiu atender às exigências do ensino atual de arquitetura.

Fora dos debates, há algumas mudanças. "A Bienal sempre foi um concurso. Mas o que a comissão pretende — e já se pode verificar algumas diferenças com relação às organizações anteriores — é que as escolas de arquitetura não façam coisas especialmente para concorrer

e ganhar prêmios, e sim trabalhos que sejam significativos no próprio plano da faculdade." Paulo Bastos cita como exemplo a Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos. Seus trabalhos foram executados dentro do currículo da escola, nada foi preparado especialmente para a Bienal.

"A escola deveria se reunir e ver, na verdade, o que é que a representa melhor em termos de trabalho feito."

A idéia — que é de toda a comissão organizadora — não poderá ter desenvolvimento perfeito, pela "tradição das Bienais" e por ser este um primeiro encontro. Entretanto, a proposta é séria, e, com o correr do tempo, pretende-se fazer algumas mudanças consideradas até radicais: um júri, por exemplo, que escapasse às atribuições de apenas conferir prêmios, mas que fizesse uma análise crítica das obras, procurando compreendê-las, identificar tendências e debater suas propostas.

Paulo Bastos diz que, nesse sentido, "o próprio regulamento da Bienal já deu um primeiro passo para a concretização destes objetivos".

O perigo da formação de novos desertos

Com o apoio da Organização Mundial de Saúde e da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, a Bienal de Arquitetura reunirá especialistas internacionais categorizados que debaterão os problemas do meio ambiente. Nessa oportunidade, sérias advertências sobre a destruição de reservas biológicas partirão de um incansável cientista brasileiro. Trata-se do professor Augusto Ruschi, titular da cadeira de Botânica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fundador, diretor e proprietário do Museu Biológico "Prof. Melo Leitão", em Santa Tereza, Espírito Santo. É ele quem afirma: "A humanidade é, por índole, narcisista. Jamais quer ser tolhida em suas pretensões. E paga caro, porque a natureza lhe cobra tributos pesados. Nosso planeta possui 121 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 45%, ecologicamente falando, são desertos. E a tendência é aumentar a desertificação. Sabemos que na região amazônica já existem áreas maiores do que o Estado de São Paulo, onde florestas majestosas foram transformadas em coatingas ou pré-deserto."

Parques nacionais

Ruschi é um cientista que desde cedo conseguiu despertar o interesse de universidades e centros de estudo de vários países. Ainda nos anos 40, recebeu um convite — e recusou — para assumir uma cátedra na Universidade de Harvard. E tem sistematicamente recusado os convites para lecionar e pesquisar fora do Brasil. "Minha participação na Bienal de Arquitetura", justifica, "é o exemplo de um cientista pesquisando em biologia desde sua infância até os dias atuais, tendo observado, planejado e executado em volta da sua própria

residência uma obra que espelha todos os ângulos dos problemas da vida profissional e cotidiana." Com seu próprio exemplo, ele mostra que pôde realizar um trabalho sério e amplo, graças a sua dedicação e, também, ao ambiente que dispôs para suas pesquisas: "O Brasil é detentor de uma variedade de climas e, portanto, de ambientes ecológicos naturais muito diversos. Por estar numa região tropical, traz em si uma riqueza de nichos ecológicos que lhe dão essa multiplicidade polimórfica de espécies vegetais e animais que não se encontra em região alguma do mundo. Mas a aceleração do desenvolvimento nos traz a observação de que, fora da Amazônia, quase nada foi preservado do ambiente natural para, no futuro, servir de lenitivo à vida de 'lufa-lufa' dos grandes centros populacionais. São áreas que deveriam compor uma grande série de parques nacionais, indispensáveis à vida do homem moderno".

Importância da microclimatologia

"Não podemos continuar impostos pela carreira vertiginosa do desenvolvimento da tecnologia, até atingir um 'modus vivendi' do homem do deserto", adverte Ruschi. Comparando as cidades com as zonas rurais, ele afirma que os climas das cidades sofrem em geral temperaturas mais altas, com velocidades menores dos ventos e mais chuvas. Fundamentalmente isto se deve à diferença empregada nos materiais de superfície, formas geométricas complexas, qualidade do ar e fontes adicionais de umidade e calor, além do teor variável de poluição. O balanço total de energia é, portanto, muito diferente daquele da residência em campo aberto. Por sua vez, os edifícios

criam microclimas ao seu redor e os microclimas de interior constituem objeto da engenharia de calefação e ventilação, justificando o crescente uso do vidro nos edifícios. Mas, segundo Ruschi, não se tem estudado por completo a importância dos microclimas e a possibilidade de modificá-los em benefício do homem.

Ruschi vê na microclimatologia uma forma de compatibilizar a arquitetura e a vida humana do amanhã: "O estudo das bases energéticas dos microclimas, unido ao conhecimento da canalização do vento ao redor dos edifícios e às possibilidades de diminuição do mesmo, pode melhorar as condições nos espaços abertos das cidades. Por isso, a microclimatologia tem despertado atualmente um maior interesse, e é um fator que nos impulsiona a voltar para a natureza, com os recursos do paisagismo e do criativismo, que são fartos na arquitetura brasileira", concluiu.

Serviços de qualidade

Linotipadora Godoy Limitada
Rua Abolição, 263, 32 7752
São Paulo

Os grandes projetos nacionais

As realizações do governo no campo das construções urbanas, engenharia rodoviária e obras de integração nacional serão expostas no 1.º andar da Bienal de Arquitetura. Ao lado de trabalhos sobre os grandes projetos públicos — federais, estaduais e municipais — e particularmente as novas experiências do BNH na área de habitação popular, a Bienal contará com a participação de firmas construtoras e empresas industriais responsáveis pela realização de obras de infra-estrutura e pela produção de diversos equipamentos utilizados pela engenharia.

Grande parte da área de 20.000 m² da Bienal será ocupada por uma exposição das realizações dessas firmas e dos equipamentos industriais produzidos para vários setores da construção civil, construção naval, barragens e hidrelétricas, rodovias e obras urbanas em geral. Para os arquitetos, tudo isso interfere no processo de transformação e ocupação territorial do país, na relação do homem com o meio ambiente, que é a grande temática da Bienal.

Nordeste e Amazônia

Depois de manter uma série de contatos nos Estados do norte e nordeste, o arquiteto Mário Pinheiro, representante do BNH no Conselho Diretor da Bienal, viajou para Porto Alegre como delegado especial da mostra para convocar autoridades e entidades do sul.

Mário Pinheiro anunciou a presença de representações oficiais dos Estados da Bahia, Pernambuco, Ceará e Amazonas, com apoio dos governos estaduais e prefeituras locais. Fortaleza mostrará o sistema viário básico, os centros comunitários de bairro e a nova estação rodoviária. A Suframa — Superintendência da Zona Franca de Manaus — enviará o projeto da área industrial e o governo da Bahia, através da Urbis, trará para a Bienal o projeto do grande centro administrativo que está construindo em Salvador.

O BNH apresentará trabalhos referentes à parte habitacional e sobre saneamento, as experiências que estão sendo feitas na área da habitação popular e o projeto CURA — primeiro projeto de desenvolvimento urbano que o Banco está preparando. Enquanto isso, o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional promoverá uma exposição sobre as cidades antigas do nordeste, permitindo um confronto com as novas soluções urbanísticas como Curitiba e a "Nova São Paulo".

O arquiteto Mário Pinheiro sublinhou que "em todos os contatos mantidos com autoridades estaduais e federais sentimos que foi muito bem captado o espírito fundamental da Bienal, que é mostrar os melhores projetos brasileiros e destacar a contribuição que o arquiteto pode trazer para o enriquecimento da nossa paisagem urbana e para a ocupação física do país".

Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo participará da Bienal num espaço de 1.800 m², onde exporá trabalhos do Metrô, da Emurb, da Cogep, da Secretaria de Obras, da Secretaria dos Transportes, do Prodam e da Comgás.

A organização da mostra está sendo coordenada pelo arquiteto Edgard Ferreira Leite, da Coordenadoria Geral do Planejamento da Prefeitura. O Metrô mostrará a maquete de toda a linha Norte-Sul, de Santana até o Jabaquara. Separadamente estarão, também, as maquetes de carros, do centro de controle operacional, da estação da Ponte Pequena e da estação da Sé.

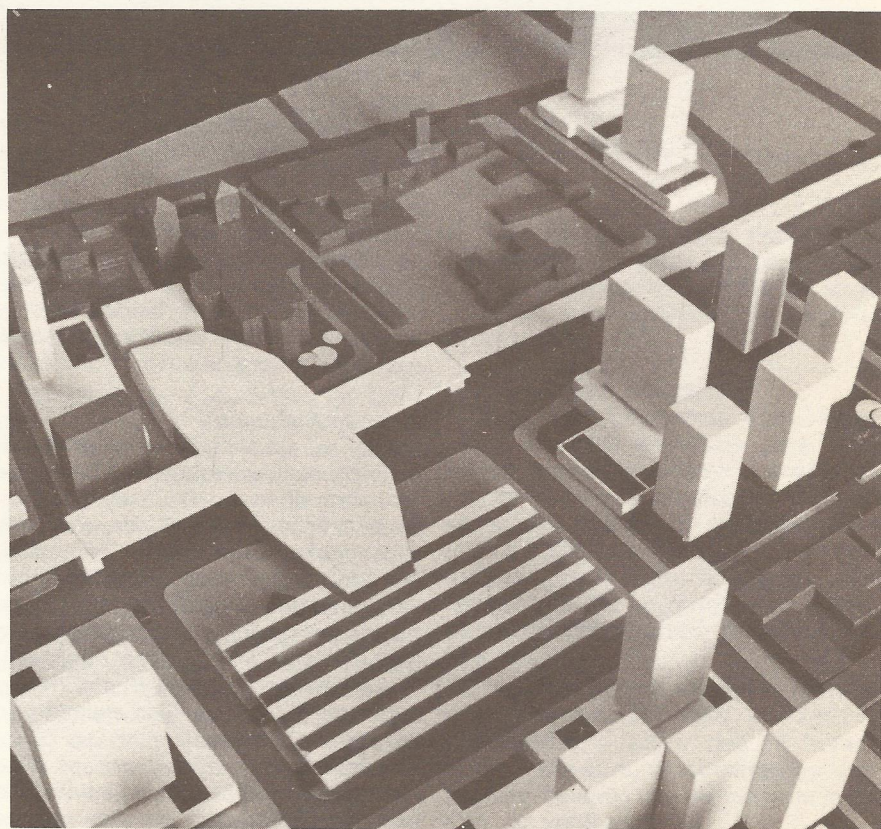
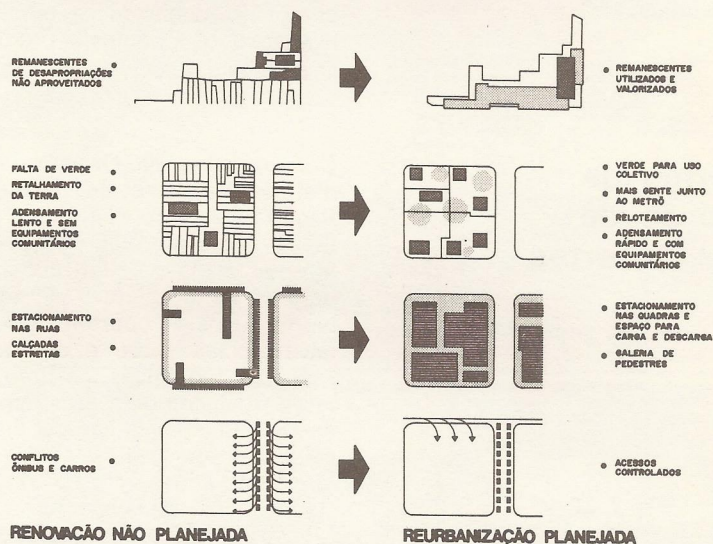
A Empresa Municipal de Urbanização apresentará em quarenta pranchas os projetos de renovação urbana de Santana e Jabaquara, projeto da área em torno da estação da Conceição, passarelas para pedestres e o projeto da Nova Avenida Paulista.

As justificativas do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de São Paulo e a Lei de Zoneamento, complementar ao Plano Diretor, serão apresentadas pela Coordenadoria Geral do Planejamento, através de plantas.

A Secretaria de Obras mostrará onze projetos selecionados de vias arteriais, pontes e viadutos. Enquanto a Secretaria dos Transportes irá expor os projetos das vias expressas prioritárias, com as plantas.

A Companhia Municipal de Gás exporá o sistema da expansão da rede de gás encanado. Fará, também, a demonstração de elementos relativos à instalação de gás, através de filmes. Haverá ainda a participação de outros órgãos municipais, como o Prodam, que mostrará como, através do processamento de dados, o computador pode ser útil à administração da cidade. A exposição dará um panorama geral do planejamento municipal.

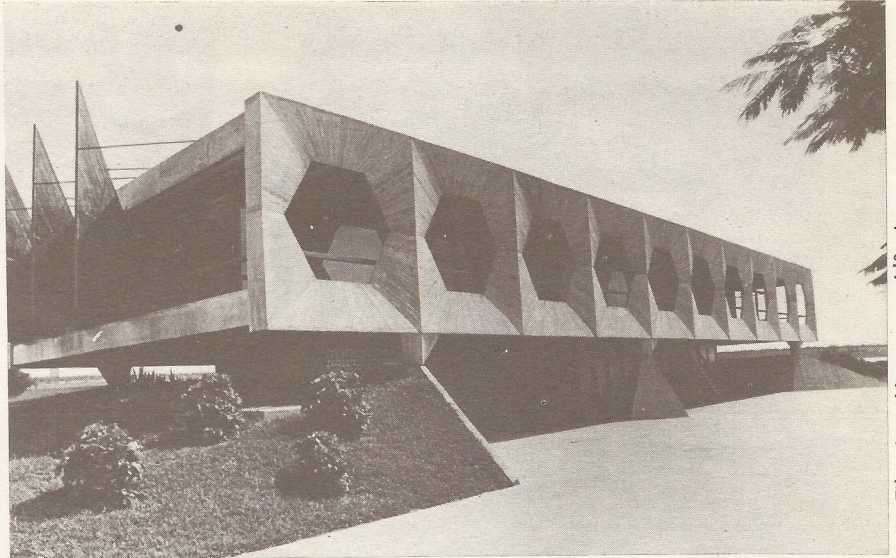
OBJETIVOS DO PROJETO SANTANA



A maior exposição de projetos

Setenta e seis arquitetos estarão representando China, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Iugoslávia, México e Polônia na Exposição Internacional de Projetos da Bienal de Arquitetura. Argélia e União Soviética, também presentes, não concorrerão à premiação por não estarem inscritos.

Na ala nacional serão expostos projetos de Edificação, Desenho Industrial, Comunicação Visual e Urbanismo, selecionados previamente por uma comissão composta pelos arquitetos Jaime Lerner, Edgar Graeff e Alfredo Porto Brito. Ainda em fase de montagem, alguns países deixam entrever projetos de interesse significativo como a estrutura de bambu da Colômbia, um hotel localizado no centro de Amsterdam, na Holanda, e a embaixada da Espanha em Brasília.



João Filgueiras Lima — residência

Manoel Coelho Arquiteto

SISTEMA VIÁRIO DE CURITIBA ORIENTAÇÃO DE TRAFEGO

índice rúta de Curitiba

Rua Marechal Floriano	
Rebouças	S5

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ ()%& 1234567890 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Estacionamento Para 1 Hora

Rodoviária Bloco Estadual Ferroviária a 100 m

Batel Via Rápida

Estrutural Norte Anel Central

N 9 4

PROPARQ

PROPARQ

Juvevê Mercês 328

a 50m

a 100m

Quilômetro Controlado Estacionamento

a 50 m

Manoel Coelho — Comunicação visual



Fabio Pentecado/Alfredo Paesani — Harmonia Tênis Clube

A grande abertura para os arquitetos

Nunca se falou tanto de arquitetura, de urbanismo, de meio ambiente quanto agora. A realização da Bienal de Arquitetura despertou em nossa grande imprensa, e em algumas autoridades, muitos problemas adormecidos e vividos por todos nós habitantes das cidades.

Esta Bienal foi mais que uma exposição de projetos. Quem a viu desta maneira apenas, não soube ver. Ela não se limitou a mostrar bons projetos, o desenho bonito de uma escola, de uma fábrica ou de um objeto. Ela se abriu no espaço e ganhou as ruas, colocando o problema do próprio Homem, em profundidade maior.

Mostrou o ambiente que o homem organiza, caracterizando suas falhas. Denunciando a poluição deste mesmo ambiente. A poluição que des-

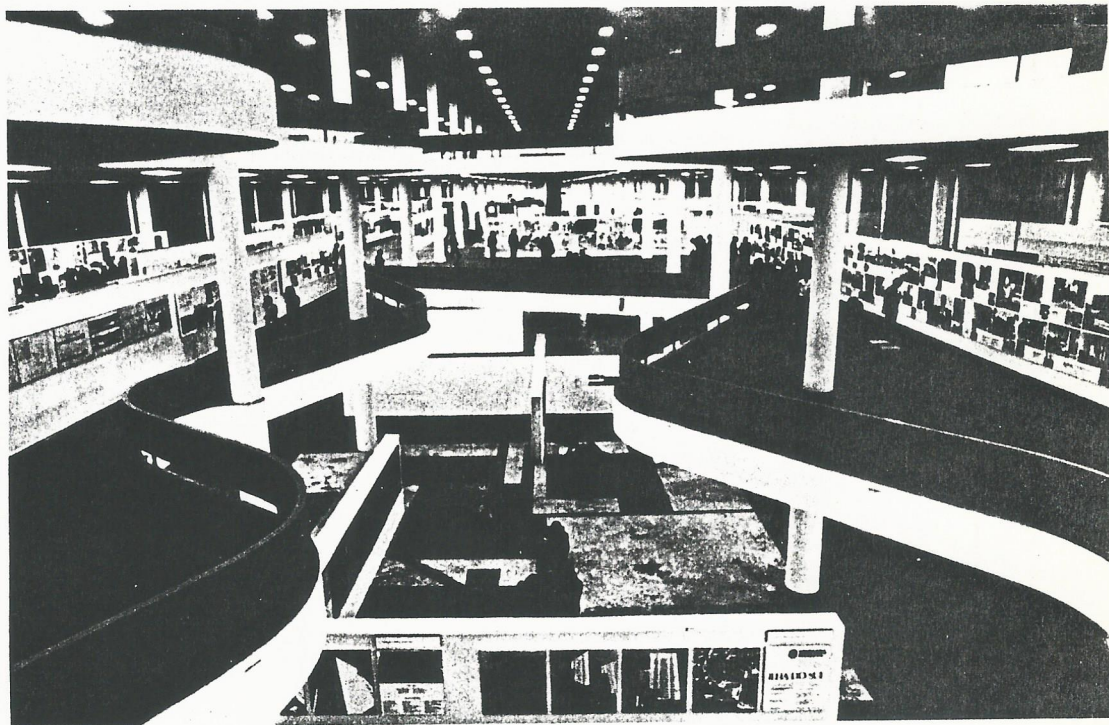
trói, não apenas a paisagem, mas a própria vida. Mostrou o arquiteto, não como um incompreendido, mas como um profissional que pode dar sua contribuição na humanização de nossas cidades. E uma contribuição importante.

A entrega dos diplomas aos premiados na I Bienal de Arquitetura será na segunda quinzena de outubro, durante a realização da Bienal de Artes Plásticas.

Os oito projetos escolhidos pelo júri, cujos autores serão homenageados em outubro, são os seguintes: Edifício da Amortex, de Wolfgang Schoedon e Gregorio Zolko; edifício para serviços industriais, de Gabriel Largacha, da Colômbia; Laboratório Aché, de Ruy Ohtake, Palácio das Convenções do Parque Anhembi, de Jorge Wilhelm e Miguel Juliano; sede

da Petrobrás, de Roberto Luiz Gondolfi, José Hermeto Palma Sancho-tene, Luiz Forte Neto, Abrão Anis Assad, José Maria Gondolfi e Vicente Ferreira de Castro Neto; Hotel Kristal, de Julija de Lucca, da Iugoslávia; ginásio de esportes de Brasília, de Icaro Castro Mello, Cláudio Cianciarullo e Eduardo de Castro Mello; e Substação de Uberaba, em Curitiba, de Leo Grosman.

O próximo número do **Arquiteto** será totalmente dedicado à Bienal. Dará um balanço da mostra, os resultados e as denúncias do simpósio sobre poluição do ambiente e depoimentos de artistas e intelectuais. Os projetos premiados, conceitos e opiniões dos membros do júri, e as discussões e propostas do seminário de escolas de arquitetura. E as repercussões da mostra.



Fotógrafos Associados

Lúcio Costa fala de seu trabalho, de seu amor à Brasília

O arquiteto Lucio Costa recebeu da Academia do Mundo Latino, do Instituto de France, o prêmio Gulbenkian, destinado, a cada ano, a profissionais de duas áreas de conhecimento.

Nas páginas 10 e 11, publicamos o texto de agradecimento enviado por Lucio à Academia, já que ele não pode comparecer à cerimônia de entrega do prêmio. Nele, o arquiteto fala de seu amor por Brasília, da importância que a construção da nova capital teve para o País e dos seus aspectos urbanísticos e arquitetônicos mais importantes.

Ação contra projeto da Rio-Santos

Arquitetos e engenheiros, representados por suas entidades de classe, divulgaram no último dia 11 de julho uma declaração, onde defendem a tecnologia nacional diante da concessão a uma firma francesa da elaboração do projeto da rodovia Rio-Santos.

No manifesto, as entidades revelam a disposição em lutar pela comprovação da ilegalidade do acordo firmado entre a Embratur e a SCET Internationale francesa.

O objetivo dessa luta é "alertar o governo e a opinião pública sobre

os prejuízos provenientes da ação de empresas estrangeiras no campo de engenharia e da arquitetura", e, também, servir como "módulo inicial de futuras ações coordenadas para a defesa da tecnologia nacional". Leia em "Opinião", na página 3.

Pierre Vago diz o que pensa dos concursos

Pierre Vago, presidente honorário da UIA e integrante do júri de premiação da Bienal de Arquitetura, analisa na página 9 o problema dos concursos internacionais de projetos. O artigo foi publicado pela revista "L'Architecture d'Aujourd' Hui".

O debate sobre os projetos imobiliários

No Recife, vem sendo debatida a reformulação nos critérios de aprovação dos projetos imobiliários, em função de uma série de novas exigências que provocam grandes entraves no andamento desses projetos. Os sindicatos dos Engenheiros e da Construção Civil, a Associação dos Incorporadores, o CREA de Engenharia e o IAB/PE são os responsáveis pelos estudos e na página 6 publicamos o parecer, onde todos os detalhes da situação são analisados e são apresentadas as respectivas sugestões.

Filme mostra Bial e problemas urbanos

Dentro de um mês ficarão prontas as cópias do filme realizado pelo cineasta Maurício Capovilla sobre a Bial de Arquitetura. Partindo do tema "o ambiente que o homem organiza", Capovilla mostra o drama das grandes cidades e o papel do arquiteto em nossa sociedade, além de documentar a Bial de Arquitetura. Páginas 4 e 5.

Um balanço do que foi a Bial

A partir desta edição, um balanço completo do que foi a Bial Internacional de Arquitetura, que durante 30 dias levou milhares de pessoas ao Parque do Ibirapuera ver o que os arquitetos brasileiros e de outros países estão fazendo em matéria de edificação, urbanismo, desenho industrial e comunicação visual. Neste número, a partir da página 3, os reflexos da Bial no relacionamento entre IAB e BNH, a organização da mostra, sua inauguração, seu público, o simpósio de escolas e a exposição da Argélia. O arquiteto Abrão Sanovics, consultor especial da Bial, diz que os preparativos para a próxima mostra devem ser iniciados já, com apoio da iniciativa privada e do governo.

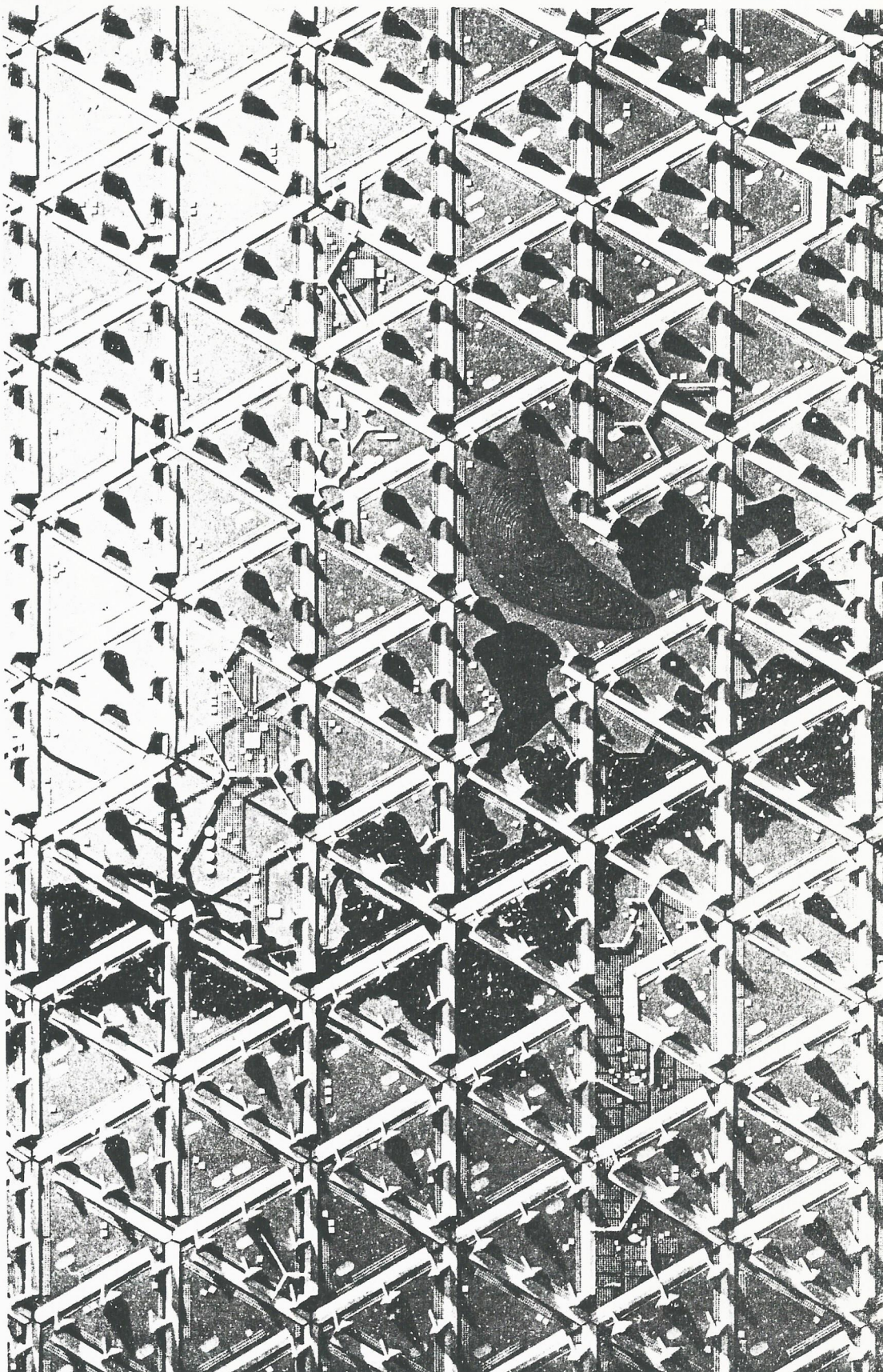
No próximo número, uma análise do simpósio sobre poluição e as posições defendidas pelo júri internacional da Bial. Na edição número 12, um caderno especial, com os projetos premiados e as salas especiais.

Rio-Santos ou a importação de problemas

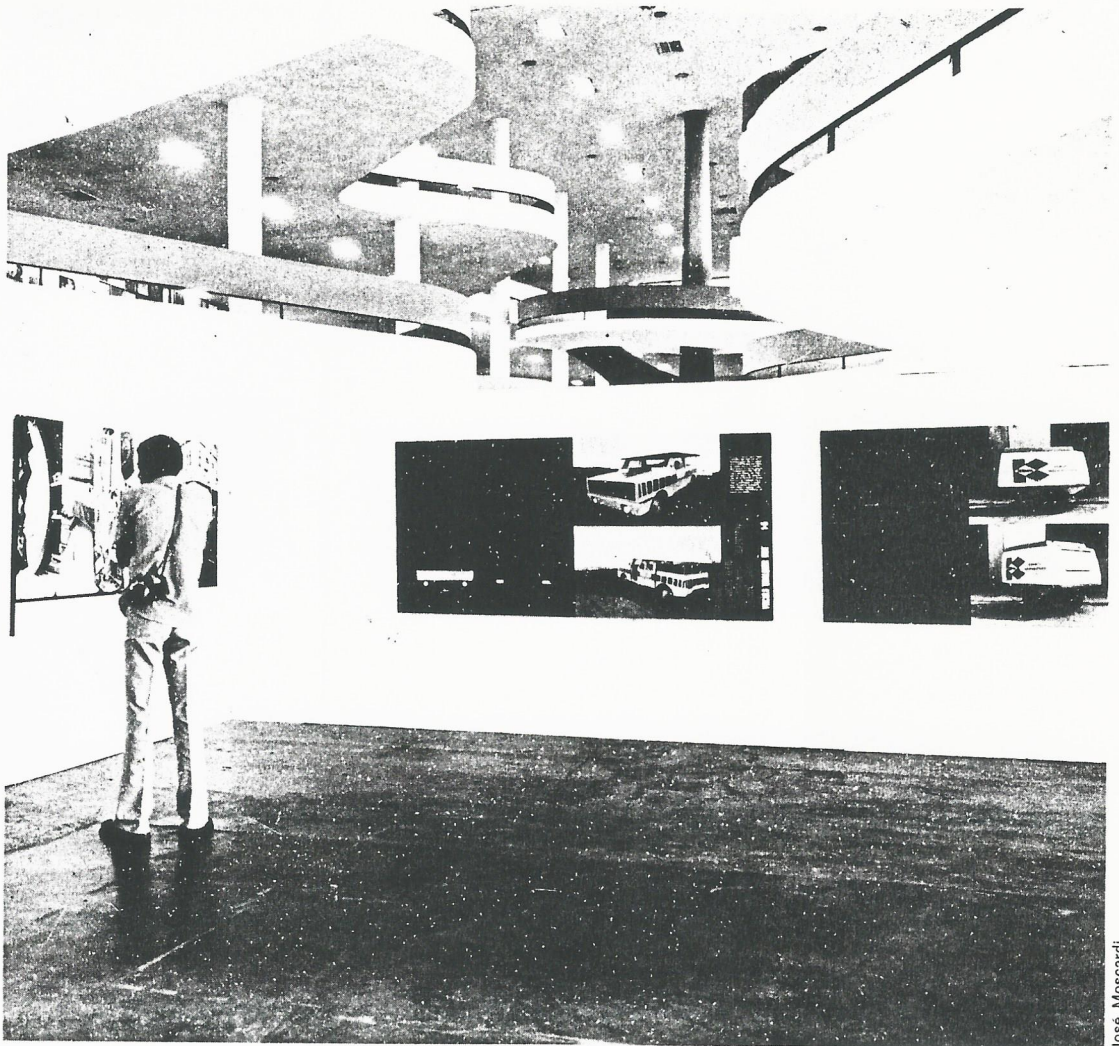
O arquiteto Benedito Lima de Toledo comenta em "Leitor" uma reportagem sobre os problemas do planejamento turístico francês, publicada pela revista "L'Express". Página 23.

A formação profissional do arquiteto

Leia ainda nesta edição, nas páginas 16 e 17, um documento do IAB nacional sobre a formação profissional do arquiteto. Na página 18, um depoimento de Alessandro Ventura sobre a obra de Lívio Levy. É uma homenagem póstuma de todos os arquitetos. Na página 20, uma entrevista de Oscar Niemeyer criticando o governo da Guanabara por ter-lhe encomendado um projeto e, depois de sua aprovação, resolver abrir um concurso. Ainda na página da Guanabara, um depoimento de José Ricardo Serran sobre habitação popular no Brasil.



Um filme vai mostrar a beleza desta mostra



José Moscardi

Seqüência 1

A câmara passeia lentamente pelos arredores do edifício da Bienal. Ela capta sua forma, aproxima-se e através dos vidros distingue-se o interior. Ela entra pelo prédio como um espectador comum. Encontra amplos espaços organizados pela funcional disposição das divisórias.

Narrador — Em um dos mais belos edifícios do mundo, criado por Oscar Niemayer para manifestações artísticas e exposições de artes, se faz uma amostragem de trabalhos que intervêm para organizar a nossa paisagem. Estamos entrando na Primeira Bienal Internacional de Arquitetura. A câmara penetra pelos corredores, sobe as rampas e descobre o espaço do interior e exteriores, o jardim que circunda o prédio e outros edifícios. Narrador — O ponto de partida dos organizadores da Bienal foi demonstrar que a própria disposição da mostra revela a temática desta Bienal: o ambiente que o homem organiza. A preocupação dos expositores foi demonstrar que a Bienal no seu conjunto obedeceu a um Projeto de organização do espaço, que visou res-

peitar o prédio, abrindo a visão interior para a paisagem circundante, e ao mesmo tempo facilitar o fluxo dos espectadores.

A câmara aproxima-se de painéis expostos, os projetos das obras. Narrador — A Bienal é uma mostra de projetos, e portanto um reflexo e uma crítica da realidade.

Seqüência 2 — Externa, dia. Planos aéreos da cidade de São Paulo. Visão ampla do centro urbano.

Narrador — O século XX é marcado pelo crescimento explosivo das cidades. Em 1900 apenas 13,3% da população do mundo estava localizada nas cidades. Em 1965, 39% da população habitava os centros urbanos. A previsão para o ano 2000 é de 48%. Em 65 anos a população urbana cresceu 650%.

Para o arquiteto Villanova Artigas, a "cidade industrial é a casa da nova sociedade". Mas, com o aumento da densidade urbana, a cidade está à beira do caos. Se ela não for organizada através de um planejamento adequado, se tornará difícil, senão impossível, a vida humana. O crescimento urbano brasileiro é um de-

safo que o arquiteto quer assumir com a organização do espaço físico necessário às atividades do homem, abrangendo, desde o projeto de um simples ambiente residencial, a casa da família, até a organização dos grandes espaços urbanos e regionais. A presença do arquiteto está em toda parte que o homem toca ou pisa, pois o homem vive num espaço determinado e a organização do espaço é o fim último da arquitetura.

Seqüência 3

Imagens de Ouro Preto, Salvador, Parati, casas, telhados, ruas, igrejas. Passagem para o interior da Bienal, com a câmara correndo pelos painéis do IPHAN.

Narrados — Uma das tarefas da arquitetura é encontrar os termos de convivência da herança positiva do passado com os problemas do presente. Preservar o passado talvez seja uma forma de exercitar métodos de planejamento capazes de enriquecer as cidades modernas com novas soluções.

Seqüência 4 — Externa, dia. Cidade. Cenas que demonstram o caos de um centro urbano. Imagens de rua,



Fotografatos Associados

trânsito congestionado, edifícios, ruído, poluição do ar. O homem em trânsito, subindo e descendo de ônibus, esperando em filas, andando, cansado e triste. Zonas periféricas, os "jardins", loteamentos surgidos da especulação imobiliária. Homens construindo em mutirão suas próprias casas.

Narrador — Os problemas centrais de uma grande cidade partem de três causas principais: má ocupação e uso da terra; circulação e transporte mal integrado; e más condições ambientais pela deficiência de áreas verdes. Resultado: dispersão da atividade humana, congestionamento e poluição ambiental.

Seqüência 5. Interior da Bienal.

Cenas de painéis da Emurb e cenas do protótipo do metrô em funcionamento.

Narrador — Um dos projetos que visam solucionar em parte os problemas da cidade através da reurbanização de determinadas áreas ligadas ao trajeto do metrô (Projeto Santana). Aqui se propõe um adequado uso da terra, a integração do sistema viário e o tratamento da paisagem urbana.

Imagens de algumas vias expressas e conjuntos residenciais, como por exemplo o CECAP, em Cumbica. **Seqüência 6.** Interior da Bienal e externas.

Cenas de painéis de projetos de edificação, urbanismo, desenho industrial e comunicação visual. Alguns exemplos serão visualizados na própria realidade, como por exemplo o "orelhão" edifícios já construídos, diagramação de livros, etc.

Narrador — A arquitetura apresenta-se nesta Bienal individualizada, definitivamente desvinculada das artes plásticas. Sem prescindir dos aspectos artísticos e humanísticos, o arquiteto hoje se apresenta como um profissional da edificação, do urbanismo, do planejamento, do desenho industrial, da comunicação visual. **Seqüência 7.** Sala de Hartmut Thimel.

Cenas das maquetes de seu projeto de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro. Entrevista com Thimel explicando detalhes de uma maquete. **Narrador** — Para o arquiteto Hartmut Thimel, os métodos de planejamento urbano, por terem sido implantados em épocas anteriores à Revolução Industrial, estão muito abaixo do ní-

vel de desenvolvimento das atuais atividades produtivas. A sociedade humana não deve recuar diante do fato evidente de que para a formação do ambiente urbano necessário à vida moderna são indispensáveis novos critérios de planejamento, pois a tendência irreversível do homem é o agrupamento.

Seqüência 8 — Interior da Bienal. Cenas dos painéis dos países convidados — em table top, detalhes de alguns projetos da Polônia (Universidade Copérnico e Museu de Arte Contemporânea), Iugoslávia, União Soviética, embaixada da Espanha em Brasília, Argélia, etc.

Narrador — A Bienal é dividida em três partes: a exposição internacional de projetos, a exposição internacional de arquitetura e os grandes projetos brasileiros. (Mais algumas informações sobre os projetos que serão visualizados.) Cenas de projetos de algumas escolas de arquitetura.

Seqüência 9. Entrevista com Villanova Artigas.

Entrevista filmada com Artigas, onde ele exporá seu ponto de vista sobre a Bienal e sobre sua obra, diante de seus projetos.

Narrador — Arquiteto Villanova Artigas, o primeiro grande educador em arquitetura, responsável pela criação de uma geração inteira de arquitetos. Cenas do edifício da FAU, na Cidade Universitária.

Seqüência 10 — Entrevista filmada com Burle Marx.

Narrador — O trabalho de Burle Marx marca a fixação do problema dos grupos humanos em relação à natureza. E nisso ele pode ser considerado um precursor, pois foi quem colocou a importância da paisagem na arte moderna.

Seqüência 11 — Entrevista filmada com o professor Augusto Ruschi.

Seqüência 12 — Interior da Bienal. A câmara acompanha o júri internacional de premiação. O júri será visualizado em alguns momentos em que analisa os projetos expostos.

Seqüência 13. — Entrevista com Rubens Costa, presidente do BNH, que fala sobre a importância da Bienal. Informação sobre o BNH.

Depois da correria, os abraços e muito sucesso

"A duas horas da inauguração ainda temos uma exposição para montar", disse visivelmente nervoso o secretário-geral da Bienal de Arquitetura, Júlio Katinsky. Seu nervosismo, assim como de todos os que trabalhavam àquela hora na montagem dos estandes, era plenamente justificável. As 18 horas, o vice-presidente da República, Augusto Rademacker, estaria ali para inaugurar oficialmente a I Bienal.

A agitação era intensa em meio ao barulho de martelos, serras elétricas e gritos irritados. E não diminuiu até o momento dos discursos de inauguração, quando alguns martelos mais persistentes ainda podiam ser ouvidos nos andares de cima. Também os pincéis, mais silenciosos, trabalhavam incessantes, havendo estandes inteiros por pintar.

Em muitos lugares o jeito foi improvisar e contar com a boa vontade alheia. Foi o caso da República Argentina Democrática Popular, que por sorte encontrou ajuda nos alunos da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro. Do contrário dificilmente seu estande teria ficado pronto em tempo.

A montagem fora iniciada às 3h30 pois o arquiteto responsável chegara de seu país no sábado anterior. Uma hora depois ainda havia cerca de trinta painéis para serem fixados. O que dificultava a montagem era que o montador necessitava de um intér-

prete para entender as instruções do argelino.

Na mostra do Conselho Metropolitan de Municípios de Porto Alegre, o arquiteto Eduardo Marques improvisava. "Não sou letrista", dizia ele enquanto pintava algumas letras desenhadas na parede. "Por isso tive que abreviar para CMM. Gostaria de poder fazer mais, mas não há tempo."

Também não houve tempo para reparar os danos causados pela Varig no transporte dos painéis. Dois deles apresentavam rachaduras ao serem retirados dos invólucros. A solução foi cobri-las com placas coloridas. O mais prejudicado — o painel Região Metropolitana de Porto Alegre — apresenta agora uma placa amarela redonda sobre uma parte do mapa.

Na Coordenação de Ação Regional, o problema não era tanto de tempo, mas de verba. Um estudante de Moji lamentava-se do material empregado, "muito artesanal". "Se houvesse verba nós poderíamos ter elaborado mais, ao invés de recorrer a simples letras-filmes."

Na parte reservada à FEPASA tudo teve que ser reformulado. "Para começar", explica Ronaldo Fernandes Canedo, do setor de Relações Externas da Diretoria de Relações Públicas, "a participação do governo veio um tanto atrasada".

Depois houve uma mudança de pro-

gramação por parte do DERSA e Secretaria dos Transportes e a FEPASA teve que melhorar seu material para não destoar dos outros.

Na mostra do Paraná, um funcionário da Assessoria de Relações Públicas da COPEL tentava localizar um electricista para concluir os trabalhos na cabina de audiovisual. "Tudo foi feito de última hora", desabafava. "Uns querem a coisa de um jeito, outros de outro. Há muita indecisão para atrapalhar."

O terceiro andar era o mais revolucionado. Nas salas Lúcio Costa e Roberto Burle Marx, a montagem fora apenas iniciada devido à demora das pranchas, que chegaram só às 15 horas. Uma hora antes da inauguração muitas delas encontravam-se em ordem, mas ainda no chão.

Mas o azar maior foi o do Patrimônio Histórico, inteiro para ser montado e sem montadores disponíveis. Duas meninas lutavam com a dificuldade em localizá-los. "Estamos de olho em dois, ali", explicaram, cuidando para não perdê-los de vista. No final a Bienal acabou sendo inaugurada, e pontualmente, contrariando os temores daqueles às voltas com dificuldades imprevistas. Enquanto alguns eram vistos a sorrir e a se abraçar aliviados.

O grande esforço que todos tiveram de fazer estava recompensado. A maior exposição internacional de arquitetura estava montada. E de acordo com o projeto.



Fotógrafos Associados

A boa cobertura da imprensa

Já no dia 30 de maio o "Correio do Povo", de Porto Alegre, previa: "Sem pretender esgotar os problemas ligados à arquitetura, a Bienal conseguirá abordar os mais importantes aspectos da ocupação física territorial e a influência que exercem na organização do meio ambiente".

Algumas matérias mais extensas aproveitaram a abertura proporcionada pela Bienal para se deter na análise da posição ocupada pelo arquiteto no Brasil: como ele é visto pela população em geral, como ele próprio encara sua profissão, sua participação no mercado de trabalho — empresas, especulação imobiliária, pequenos escritórios particulares.

A imprensa não faltou à I Bienal de

Arquitetura. Do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Guanabara e Rio de Janeiro, ela compareceu em peso para a divulgação de todos os seus lances, desde os planos iniciais até a inauguração e os dias que se seguiram. Sobretudo, ela serviu como importante veículo para reacender debates de ecologia e para difundir o papel reservado ao arquiteto na solução de problemas contemporâneos. Manchetes como "O solo está ficando desértico" ou "É preciso deter o machado" noticiaram no início do mês passado as advertências de "um incansável cientista brasileiro" — usando a expressão de um colunista dos Diários Associados — sobre a destruição de reservas biológicas. Considerável parte da tese enviada

à Bienal pelo naturalista Augusto Ruschi, da cadeira de Botânica da UFRJ, viu-se da noite para o dia transformada em notícia de grande repercussão.

Suas palavras — "A humanidade é por índole narcisista. Jamais quer ser tolhida em suas pretensões. E paga caro, porque a natureza lhe cobra tributos pesados" — foram divulgadas com grande alarde em quase todos os jornais e revistas que faziam a cobertura da Bienal. O que levou o "Jornal do Brasil" a escrever no último dia 19 — "A Bienal de Arquitetura não se prende apenas à arquitetura em si ou à exposição... Leva seu interesse pelo meio ambiente a uma consideração toda especial pela ecologia".

Quem foi ver a grande mostra

Um repórter perguntou que artista famoso tinha seus quadros expostos ali. Estudantes de turismo, "obrigados a visitar aquela feira para aprender como se guia um turista", não viam a hora de voltar para o ônibus do qual haviam sido despejados em meio a ruidosas reclamações. Crianças de um grupo escolar tinham parado ali por acaso e, para não perder a viagem, resolveram entrar para ver o metrô. "Fora estes casos", explica um dos catorze monitores da I Bienal de Arquitetura, "quem veio, veio por estar interessado."

O interesse e o tipo de público que percorre diariamente os 20.000 m² do Pavilhão Armando Arruda Pereira varia de andar para andar. Em geral o segundo pavimento é o menos visitado por populares que não possuem um interesse específico em arquitetura.

Para essas pessoas que aos sábados e domingos lotam a Bienal — tendo batido um recorde de bilheteria no feriado do último dia 21 — o mais interessante são as salas especiais no terceiro andar e acima de tudo a

maquete do metrô e os mapas da Emurb no primeiro. "Muitas famílias ficam horas na Emurb examinando os mapas para ver se sua casa vai cair ou não", conta uma monitora.

Enquanto os pais se preocupam com "as vias expressas" — como disse um casal de Taboão da Serra —, as crianças ficam deslumbradas diante do metrô, uma parte da exposição capaz de saciar o público infantil, que não é pequeno nos fins de semana.

Os arquitetos, engenheiros e estudantes — estes últimos reconhecidamente o grande público da Bienal — preferem os dias úteis, quando o ambiente mais sossegado permite-lhes um melhor aproveitamento. Muitos deles obtiveram entrada permanente, "para não passar por cima de nenhum projeto".

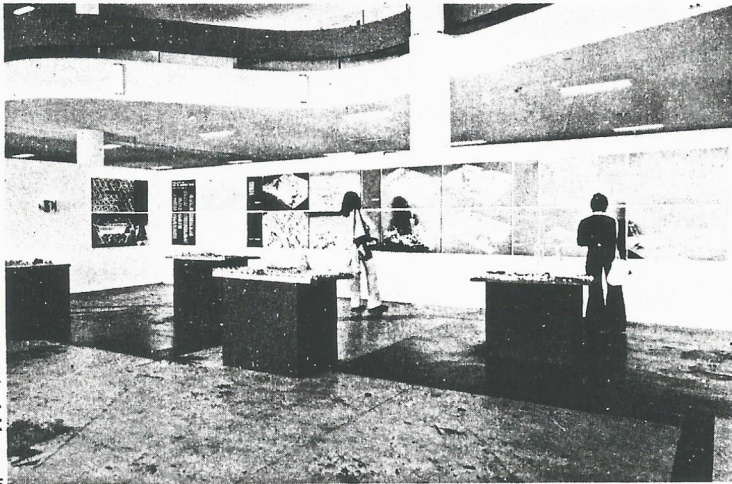
Os monitores — todos estudantes de arquitetura, com exceção de uma aluna de história — são quase que exclusivamente procurados por universitários, colegiais e alunos de cursinhos. "A grande maioria ou já está cursando arquitetura ou espera au-

mentar seus conhecimentos sobre a matéria para os próximos vestibulares."

Colégios técnicos como o de Pinheiros, Lins, Jundiaí e SESC e o Instituto Tecnológico de Osasco também têm se destacado com considerável parcela de interesse.

Até a semana passada haviam visitado a Bienal as faculdades de arquitetura de Santos, São José dos Campos, Rio de Janeiro (Federal e Gama Filho) e São Paulo (USP e Mackenzie). Para estas o segundo andar é um dos que oferecem maiores atrativos, com os projetos internacionais ali expostos.

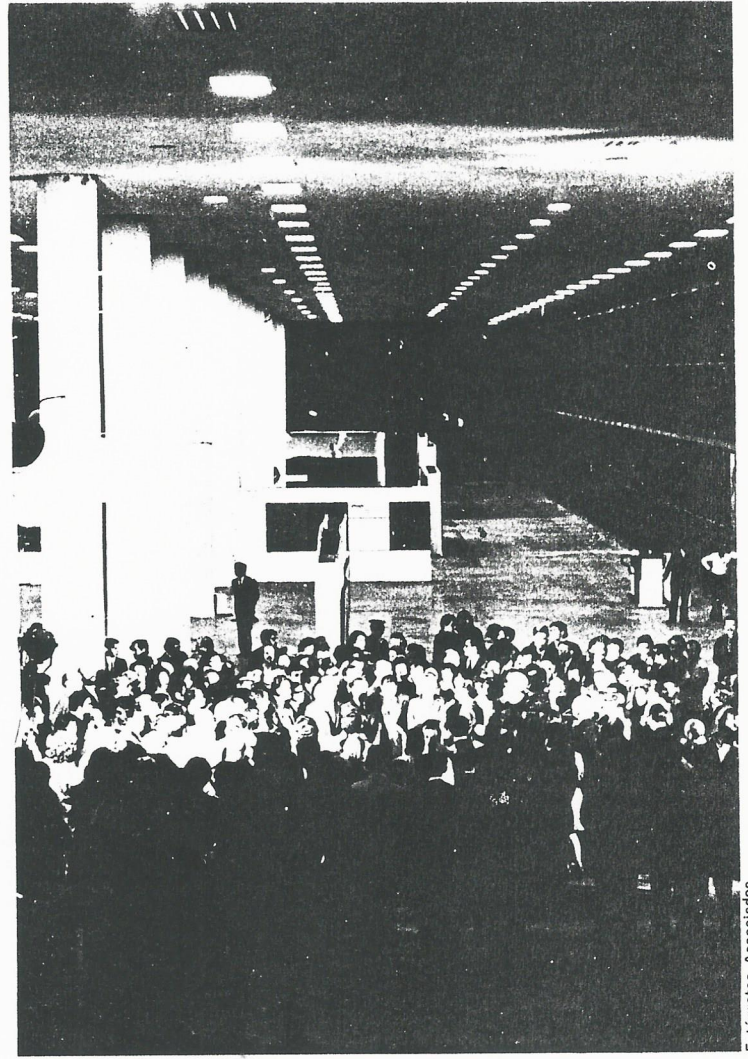
Há casos isolados de pessoas que visitam a Bienal movidos por algum interesse comercial. Até agora sabe-se de dois estrangeiros: um engenheiro indiano interessado em contatos com arquitetos para negócios de condicionadores de ar e um panamenho, residente nos EUA, curioso a respeito do estágio em que se encontram as casas pré-moldadas no Brasil.



José Moscardi



José Moscardi



Fotógrafos Associados

O que se discutiu no Simpósio de Escolas da Bienal

Na semana que antecedeu o encerramento da Bienal, a movimentação atingiu índices inesperados. Muita curiosidade em torno da premiação. E, principalmente, havia cerca de quinhentos inscritos, entre estudantes e professores, para o I Simpósio Nacional de Escolas de Arquitetura. Eles vieram de dezessete faculdades de arquitetura, de onze Estados, trazendo consigo a determinação de abrir caminho para uma futura integração entre as escolas, bem como a realização de encontros e simpósios posteriores.

Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo e Rio Grande do Sul compareceram à solenidade de abertura na manhã do último dia 10.

Estavam presentes Miguel Alves Pereira, presidente do IAB, Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente do Conselho Diretor da Bienal, Eduardo

Kneese de Melo, membro do Conselho Diretor, Mário Beni, superintendente da Fundação Bienal, e Benyami Brahim, arquiteto representante da Argélia.

Na ocasião Miguel Pereira ressaltou a importância do encontro para a formação do arquiteto, afirmando que "o IAB espera que possa ser aprofundada a discussão em torno da necessidade de transformação das escolas de arquiteturas em verdadeiros centros de pesquisas". Para ele não existe uma saturação do mercado de trabalho para o arquiteto e sim "uma subutilização da mão-de-obra qualificada". "As 23 escolas de arquitetura no Brasil não podem traduzir a realidade e a necessidade do mercado de trabalho."

Tema

O tema — "Currículo Mínimo Atualizado para Escolas de Arquitetura no País" — tinha como objetivo a aná-

lise, discussão e avaliação do desenvolvimento, bem como o estudo dos novos rumos e tendências. Através da identificação dos principais problemas enfrentados pelas escolas, partiriam as proposições curriculares.

Além do currículo mínimo, em vigor desde 1968 e revisto no ano seguinte, o material básico apoiou-se na exposição de dados sobre a estrutura e objetivos da formação das escolas, incluindo exemplos de cada uma delas, de sua produção curricular ou não, e nos textos de apoio e comunicação fornecidos pela Secretaria de Coordenação.

Estes textos, enviados por diversas delegações, foram entregues aos participantes para que eles se inteirassem dos problemas, créditos de matérias, experiências e situação geral das escolas.

Para facilitar o encaminhamento dos trabalhos, os participantes e delega-



José Moscardi

Comissão de ensino do IAB/SP analisa situação

A Comissão de Ensino do IAB/SP encaminhou ao Simpósio Nacional de Escolas de Arquitetura documento mostrando as preocupações dos arquitetos paulistas em relação à atuação da Universidade nos problemas brasileiros. Este é o texto do documento:

O Conselho Superior do IAB decidiu reorganizar em seus departamentos as Comissões de Ensino. Grupo formado por representantes de faculdades, estudantes e arquitetos ligados aos problemas de ensino, a fim de também participarem, de uma forma peculiar, dos trabalhos ligados ao ensino de arquitetura.

A Comissão de Ensino do IAB/SP, atenta à necessidade de formação de

novos quadros, a fim de atender ao amplo interesse em relação ao ensino da arquitetura, para o desenvolvimento cultural e material de nosso país e, ao mesmo tempo, consciente das dificuldades dessa tarefa, tando pelo delicado processo de formação de quadros dedicados ao ensino, como pela riqueza das situações brasileiras, propõe:

1. Que as novas escolas que se organizem obriguem-se, para obtenção de suas credenciais junto ao MEC, a exibir convênios com outras faculdades ou institutos universitários do país.
2. Trata-se de retomar experiências já realizadas entre a Universidade Nacional de Brasília — UNB — e a Fa-

culdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo — FAUUSP — em 1969 e entre a Faculdade de Arquitetura do Ceará e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP — quando o IAB, através de um acordo com a Reitoria da UNB e o MEC, organizou uma Comissão de Reestruturação do Instituto Central de Artes e Faculdades de Arquitetura e Urbanismo da UNB.

3. Retomar e regulamentar essa experiência, para que a aplicação do convênio seja efetivada em alto nível e nas melhores condições possíveis, a fim de que a criação e o desenvolvimento de novas escolas de arquitetura se processem aproveitando a experiência acumulada em outras ins-

dos oficiais — três professores e três estudantes de cada escola — foram distribuídos equitativamente em comissões, de modo que todas as escolas estivessem representadas. Destas comissões saíram os relatórios parciais que foram discutidos e referendados nas reuniões plenárias a fim de se chegar a um documento conclusivo do Simpósio.

Participação

A participação de algumas escolas de arquitetura foi bastante significativa. Uma das mais ativas — a Universidade Federal da Bahia — contou com 120 participantes. A Universidade Federal do Ceará enviou quarenta estudantes (sua faculdade tem oitenta alunos).

Das Universidades Federais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará, Pernambuco e das Universidades de Brasília e Goiás comparceram uma

média de trinta pessoas cada. O Estado do Rio de Janeiro também esteve presente, através da faculdade de Barra do Pirai, representada por um delegado.

Outro ativo participante foi o Rio Grande do Sul, que enviou três faculdades: Universidade Federal, Pelotas e Unisinos.

De São Paulo participaram representantes da Universidade Mackenzie, da FAU de Santos, São José dos Campos, Moji das Cruzes e FAUUSP. Na sexta-feira, um dia antes do término do Simpósio, que se prolongou até sábado, um dia a mais que o previsto, alguns ainda continuavam a chegar: da Faculdade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, vieram trinta representantes.

Comissão de escolas

Embora os estudantes de arquitetura

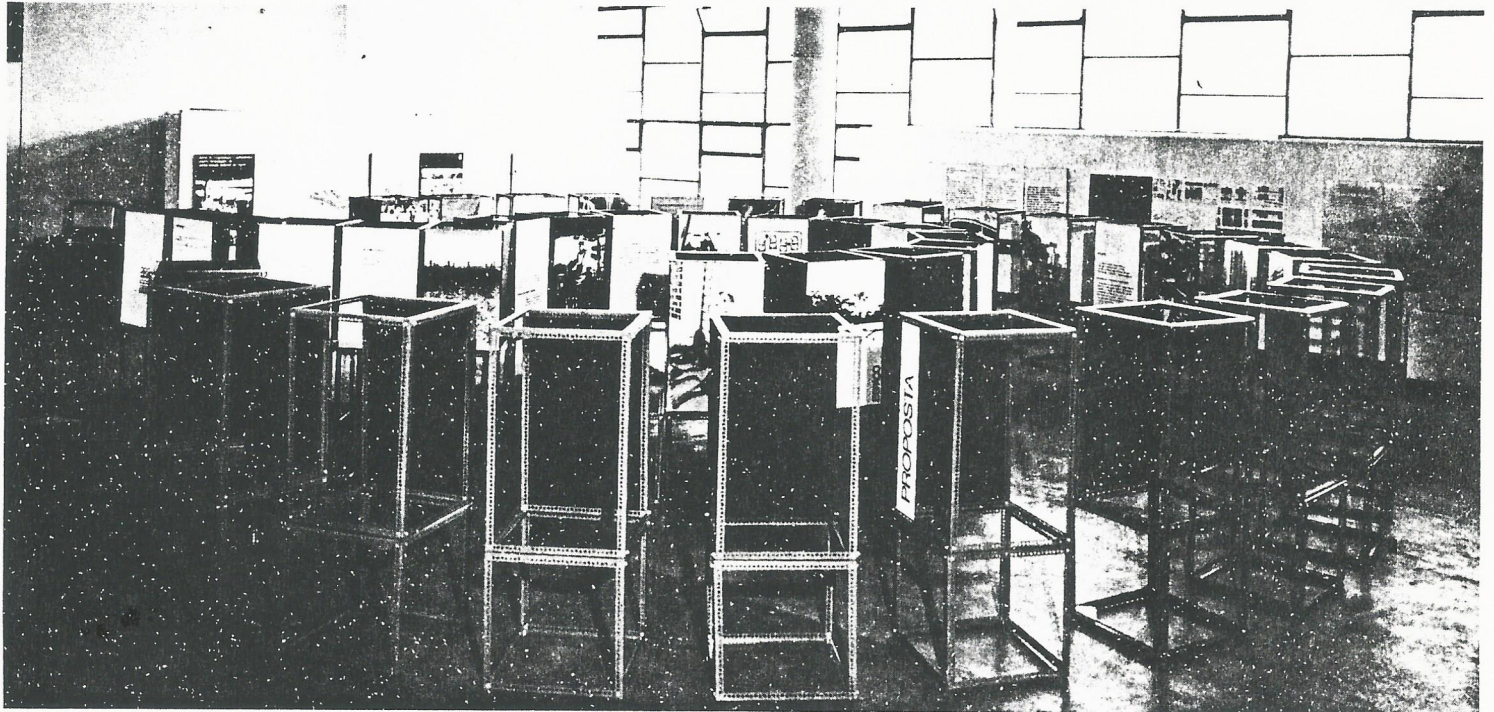
tenham concordado em geral com a necessidade de uma reformulação da estrutura didática, o currículo não entrou em debate nas comissões e plenárias.

A esse respeito, a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul emitiu um comunicado contrário: "Analisando os problemas da nossa Faculdade, achamos que não devemos debater o currículo porque antes disso devemos conquistar a representatividade, criando condições para que exista participação dos estudantes. Só a partir de uma exigência consciente dos estudantes é que podemos pensar na proposição de um novo currículo".

Algumas das razões apresentadas: "Não existiria participação geral dos estudantes na sua elaboração; não é uma exigência da maioria; somos contra um currículo que será imposto de cima para baixo; há o perigo de

o currículo ser utilizado como paliativo, propondo soluções parciais para diminuir o descontentamento".

Em lugar do currículo, os debates refletiram o interesse em torno da formação de uma Comissão de Escolas de Arquitetura que pudesse servir como base à futura Federação Nacional de Escolas de Arquitetura. O professor da FAU de Moji das Cruzes José Magalhães Jr. — presidente da Mesa e coordenador em uma das comissões — sintetizou as principais resoluções tomadas durante os trabalhos das comissões: "Regionalização na formação das novas faculdades, bem como nas estruturas das atuais; criação de um órgão de nível nacional, referendado pelo Ministério da Educação e Cultura, que exerça o papel de fiscalizador e fornecedor de subsídios para a reestruturação do ensino; autonomia para as escolas de arquitetura".



tuições de ensino e amparando os novos quadros no magistério.

4. A institucionalização desses convênios, por parte do MEC, viria propiciar uma grande contribuição que escolas mais experientes e melhor estruturadas pudessem dar, enviando, por determinado tempo, alguns de seus professores a uma escola nova, reproduzindo sua bibliografia e acervo e, por sua vez, ampliando seu horizonte em relação aos problemas nacionais.

5. Toda experiência de um departamento, de uma escola já estruturada, desde sua organização até sua metodologia didática, seria estimulada. A formulação de cursos de pós-graduação também estaria nas propostas do

convênio, incentivando a formação de novos quadros de professores, pesquisadores e estudiosos da arquitetura.

A atuação da universidade nos problemas urbanos e regionais

1. O rápido desenvolvimento urbano e regional que estamos atravessando é hoje motivo de preocupação nas esferas governamentais e na opinião pública.

2. Entretanto, sobre estes assuntos, as nossas universidades têm discutido e formulado uma série de análises e propostas, já há muitos anos.

3. As inúmeras intervenções feitas individualmente, ou de forma oficial,

por seus membros, têm demonstrado a importância das universidades como núcleo cultural e centro de pesquisa.

4. Portanto, nada mais justo, como culturalmente fundamental, que o governo, nos seus níveis municipal, estadual e federal, também se apóie nas universidades, ao discutir e encaminhar propostas e soluções aos problemas urbanos e regionais, contribuindo, assim, para estimular a pesquisa e o trabalho teórico.

Regionalização no critério de criação de escolas de arquitetura

1. É o desdobramento da proposta de o governo solicitar os trabalhos da universidade na proposta de soluções urbanas e regionais.

2. É reconhecer, valorizar, e sobretudo utilizar o potencial de seus recursos culturais, para o melhor encaminhamento dessas soluções.

3. É atribuir à universidade a responsabilidade de ser um centro polarizador cultural da região onde está implantada.

4. Portanto, a criação de novas escolas deve eliminar as condições especulativas em que o ensino perigoso está caindo.

5. Torna-se urgente, portanto, como condições mínimas, o critério de regionalização para implantação de novas escolas, atribuindo-lhes a responsabilidade social da liderança cultural. (Comissão de ensino do IAB/SP).

Já estamos pensando na realização da próxima Bienal

A realização da próxima Bienal de Arquitetura depende de todo um processo de programação a ser iniciado sem demora. "Este processo, que deve caracterizar-se pela continuidade, não pode ser de pequena antecedência. Nem bem termina uma, começa outra. Só assim poderemos contar com o surgimento de importantes subprodutos como publicações, exposições circulantes especializadas, palestras, seminários e reformulação constante de programas."

Preocupado com a necessidade de um planejamento apurado da Bienal de Arquitetura, o arquiteto Abrahão Velvu Sanovicz espera que o Conselho Consultivo reúna-se em breve para tratar do lançamento do próximo tema. "O tema deve enquadrar-se numa visão, com a devida antecedência — o que é próprio da nossa profissão —, daquilo que será necessário à população no futuro."

Além da discussão do tema, Sanovicz espera uma rápida designação de profissionais para o lançamento da programação e preparo de projetos que devem atender às expectativas dos visitantes e do setor público. "A Bienal deve expor os tipos de serviços com que a arquitetura pode equipar as cidades para uso mais livre do ambiente em que vivemos".

Se esta pesquisa continua em torno da programação obtiver as estruturas necessárias nos setores públicos e privados, "o arquiteto encontrará um mercado de trabalho em potencial na

Bienal, que do meu ponto de vista deveria se realizar a cada três anos". Até agora, explica o arquiteto, o setor privado só contribuiu para a exposição de painéis, enquanto que o trabalho de pesquisa tem ficado a cargo de pequenos escritórios de arquitetura. "Mas se a indústria interessa-se em lançar seus equipamentos através da Bienal ou Trienal, ela deve criar a estrutura necessária."

Quanto ao caminho para se obter um apoio maior dos setores públicos, Sanovicz sugere apenas um: trabalho, muito trabalho.

Menos árida

Se por um lado a I Bienal de Arquitetura recebeu muitas críticas, por outro ela obteve um número mais elevado de visitantes do que a Bienal de Artes anterior. Para Sanovicz isto significa que o povo está interessado. Mais do que isso, "a arquitetura é um fato histórico, presente em todos os tempos".

A Bienal deve corresponder ao interesse de um público cada vez mais preocupado com os problemas do meio ambiente. Portanto, "a forma de exposição — muito criticada na I Bienal — deve ser menos árida".

"Temos dois anos pela frente e precisamos começar a pensar nisso agora", adverte insistentemente Sanovicz, para quem "o arquiteto deve passar a prever o tempo como projeto".

Sanovicz já tem algumas sugestões para a próxima Bienal: junto à expo-

sição de projetos e às salas especiais, "de alta importância histórico-didática", poderiam ser criadas salas especiais para temáticas como lazer, ensino, habitação, desenhos urbanísticos.

"A presença internacional deve atender a estes três aspectos: didático, temático e de projeto, o que será de grande benefício para a população." Os concursos estudantis nos devem dar "uma espécie de feed-back do que pensam os estudantes em relação ao tema atual".

Demanda pequena

Outro ponto a ser encarado com destaque é a América Latina, "com a qual temos grande afinidade cultural". Sanovicz, que acaba de retornar de uma viagem pela América do Sul, afirma que, "ao invés de ficarmos apenas voltados para a Europa, deveríamos nos preocupar mais com nosso continente, ainda inteiro por fazer".

Também é preciso tratar de saber com urgência "quem são os responsáveis pelos projetos atuais, pois não queremos uma cidade fruto apenas de cálculos". "Nosso problema é humano e não de "custo social", expressão freqüentemente usada e com a qual ele não concorda. "Temos que pensar no homem e não no valor de uma vida em termos de custos."

Até agora o arquiteto, que é o autor dos projetos, não tem participado do processo de decisão. "E todos nós sabemos que o importante é quem decide."



RECIFE BRASIL

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

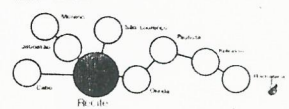
PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO
DO ESPAÇO METROPOLITANO
DO RECIFE



PORTO
PORTAS
NASCE O RECIFE

RECIFE

Plano do sistema metropolitano onde se desenvolveram as principais atividades urbanas de área e assentado parte sobre a planície quaternária fluvio-marinha, destacando-se ao mar e ao marisqueira sobre uma ilha de origem terciária que se desenvolveu em torno e sobre a planície e parte sobre área a montante e do canal, substituída por extensos tabuleiros arenosos.



1527



"Um porto tão quente e tão seguro que para as lutas marítimas serve de muro"



SISTEMA RÁDIO-CONCÊNTRICO

1648

1820

1910

José Moscardi

Para Lívio Levi, uma homenagem de todos arquitetos

Ao referir-se ao projeto de iluminação exposto no Salão da Eletrobrás (foto), dizia Lívio Levi:

"A obra representa um exemplo das possibilidades da interação do artista com a indústria. Totalmente composta com três elementos — conexão, extensor e vidro — configura uma estrutura admitindo crescimento nas três coordenadas. Essa organicidade resulta de um imperativo geométrico-matemático. A cor branca rende à obra mais 'objeto', resultando visualmente unitária. As luzes, em seu acendimento seqüencial, fragmentam, por instantes, essa unidade, resultando movimento perceptível em forma de onda: esta simboliza o caráter ondulatório da fonte de energia."

Desta forma, estabelecia uma das coordenadas de seu trabalho: a tentativa de reintegrar o artista nas atividades produtivas. Se, por um lado, isto significa uma tendência atual, ela também significa uma evolução da contribuição do arquiteto na sociedade de massa. A ampliação da atuação profissional é uma tendência que se exprime à medida que a arquitetura se aproxima da estrutura industrial. Lívio teve sensibilidade e clareza su-

ficientes para sentir esta necessidade e neste processo se envolveu com rara felicidade. Sua especialização em iluminação foi um dos exemplos importantes para o progresso técnico brasileiro e um particular da arquitetura brasileira. O atestam a colaboração que emprestou aos maiores nomes da arquitetura brasileira, onde se destaca Oscar Niemeyer, em obras como a Catedral e o Palácio dos Arcos, em Brasília, ou obras de alto significado técnico, como o Parque Anhembi, em São Paulo, ou ainda em alguns exemplos do paisagismo de Burle Marx.

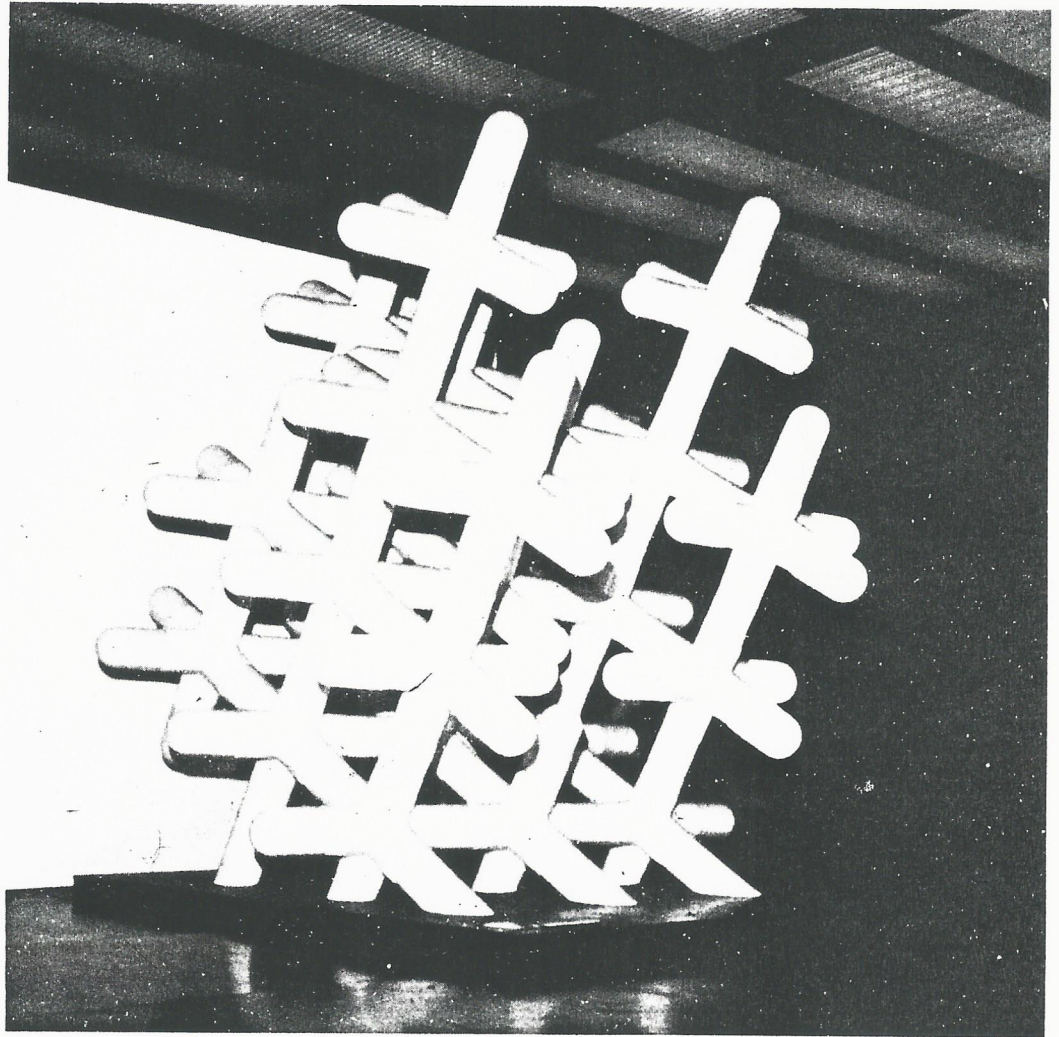
Seu espírito inovador e sensibilidade são atestados por novos processos ou materiais empregados, como o caso das lâmpadas de vapor de sódio concentrado imersos em água, que, com "sua luz dourada quente, destaca a Catedral dos outros prédios da Esplanada, iluminados com luz fria". ("O Estado de S. Paulo", 2/6/70)

A dualidade tão comum à obra criadora também está presente em Lívio Levi. Ossim, à busca de uma nova participação do artista na produção, se alia em sua obra a consagrada

forma de equilíbrio de criação-produção artesanal: suas jóias. Dizia Lívio: "É um trabalho que depende só de mim, até o final, que somente eu idealizo e executo", onde se sente o refúgio momentâneo do artista ainda não totalmente integrado na produção social.

Além de seu trabalho prático, Lívio também foi um dos elementos mais atuantes nas tentativas de criação de instituições que facilitem o desenvolvimento do desenho industrial no Brasil. Foi constante sua participação representando o Brasil em congressos internacionais, assim como na elaboração de planos para a efetivação de uma política nacional de desenho industrial. Sua última e valiosa colaboração foi na elaboração dos planos para instalação do Design Center de São Paulo, patrocinado pelo governo do Estado.

Sem dúvida, a arquitetura brasileira fica agora desfalcada de um de seus grandes especialistas e principalmente o desenho industrial de um de seus pioneiros e inspiradores. Estamos certos de que seu exemplo ficará para as gerações futuras.



Uma condecoração para Oswaldo Corrêa e Ciccilo Matarazzo

Augusto Ramasco



10 de julho, um dia importante para Oswaldo Corrêa Gonçalves, presidente do Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura, e Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Fundação Bienal de São Paulo. Tendo como palco e cenário uma de suas grandes realizações eles receberam a mais alta condecoração do IAB.

Ao distinguir com o Colar de Ouro o arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves e Francisco Matarazzo Sobrinho, o IAB não estava apenas prestando uma homenagem aos dois grandes arquitetos da I Bienal de Arquitetura. Estava reconhecendo o trabalho que há mais de 10 anos Francisco Mata-

razzo Sobrinho vem realizando nas Bienais de Artes Plásticas em favor da arquitetura e toda uma vida de lutas de Oswaldo Corrêa Gonçalves, pela promoção do arquiteto e nossa arquitetura. A emoção do Oswaldo quando lhe foi comunicada a homenagem, durante um almoço no IAB de São Paulo, fala mais do que tudo que se possa dizer sobre suas lutas, suas realizações. Era o reconhecimento de sua vida. Ele agradeceu com lágrimas nos olhos.

A solenidade

A solenidade, realizada na própria Bienal, foi aberta com um discurso

de Miguel Pereira, presidente do IAB, que exaltou a arquitetura como uma "profissão de fé, paz e fraternidade". Depois de exprimir sua satisfação na entrega dos colares a Oswaldo Corrêa Gonçalves e Francisco Matarazzo Sobrinho — "grande incentivador das artes no Brasil através das onze Bienais de Artes Plásticas que realizou e um dos idealizadores da Bienal de Arquitetura" —, o presidente do IAB condecorou-o pessoalmente.

Ao agradecer a "honrosa insígnia recebida", o presidente do Conselho disse que o arquiteto brasileiro serve "não só a sua classe como ao país inteiro". Por isso "permanecemos sempre entusiasmados a serviço do IAB e da causa da cultura brasileira e dos demais povos".

Para o presidente da Fundação Bienal, a homenagem teve um sentido muito especial, pois "pela primeira vez recebia uma distinção oferecida por artistas", até então só tendo recebido homenagens oficiais. "O arquiteto", disse, "é um artista completo que chega ao ápice da sua carreira acumulando uma soma de conhecimentos das mais diferentes ciências, o que é somado ao desenvolvimento do gosto estético".

Com exceção de Ari Garcia Rosas, estavam presentes à solenidade todos os arquitetos condecorados anteriormente: Eduardo Kneese de Melo, Fábio Moura Penteado, Icaro Castro Melo, João Baptista Villanova Artigas, Jorge Machado Moreira e Paulo Antunes Ribeiro.

Depois de aprovado em decoração e arquitetura, Vulcatex apresenta sua tese de pós-graduação.

Agora que Vulcatex já é reconhecido como o revestimento de parede mais bonito e econômico que existe, chegou o momento de exigir dele alguns detalhes mais científicos.

Tecnicamente Vulcatex apresenta inúmeras vantagens como: rápida instalação, fácil conservação, ótimo acabamento, emendas imperceptíveis.

Mas ainda há outras importantes características pouco conhecidas do consumidor em geral, como por exemplo: sua boa condutividade elétrica ou poder de isolamento - a não propensão ao desenvolvimento de germes - a impecável higiene - a grande resistência à inflamabilidade.

Logicamente a beleza de seus 144 padrões é o que mais chama atenção no Vulcatex.

E é bom que seja assim. Afinal, nem só de técnica vive o mundo.

VULCATEX

